Fundado em 1864, o seu Arquivo é Tesouro Nacional

# Diário de Notícias

www.dn.pt / Domingo 28.7.2024 / Diário / Ano 160.º / N.º 56 710 / € 2,00 / Direção interina **Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos)**

INQUÉRITO A ELEMENTOS DA GNR E PSP

# MAIS DE 70% DOS POLÍCIAS QUE SE DIZEM VÍTIMAS DE *BULLYING* NÃO DENUNCIARAM

**SEGURANÇA** Pela primeira vez em Portugal, os membros da PSP e da GNR foram inquiridos sobre práticas de assédio moral no trabalho. 30% dos inquiridos assumiram-se como vítimas. Desses, mais de 10% relataram, como consequência, ideação suicida ou homicida e 7,5% queixaram-se de agressões sexuais físicas. Só 22,6% denunciaram. Corporações recusaram participar. PÁGS. 4-6

**TURISMO** Portugueses trocam Algarve pelo estrangeiro, mas preços e turistas internacionais compensam

Concorrência aumenta entre vendedores ambulantes na praia PÁGS. 10-11 E 15

GERARDO SANTOS / GLOBAL IMAGENS

## QUESTIONÁRIO DE PROUST DO CHATGPT PEDRO FREITAS

POETA DA CIDADE

"Queres ouvir uma piada picante? Um dia o Joãozinho foi à horta e picou-se"

PÁG. 13

## BALANÇO

Produção legislativa do governo esmagada pela falta de maioria

PÁG. 7

## PROVA DE VIDA

Celeste e Guilhermina: a flor do acaso

PÁGS. 26-28

## PARIS 2024

Em dia de desilusão no judo, Nelson Oliveira garantiu o primeiro diploma PÁGS. 22-23

## FESTIVAL MÚSICAS DO MUNDO

O mundo todo entre Sines e Porto Covo PÁG. 25

HOJE **GRÁTIS** COM O DN

## Editorial

**Bruno Contreiras Mateus**
*Diretor interino do Diário de Notícias*

# Um "saco de gatos" nas mãos de Pedro Nuno Santos

Com a pressão dos restantes partidos de esquerda, juntar apoios em relação ao Orçamento do Estado para 2025 (OE 2025) e às eleições autárquicas é um "saco de gatos" nas mãos do secretário-geral do PS. Pedro Nuno Santos ficou marcado pela 'geringonça' – o próprio confessou um dia: "Foram anos que me marcaram e definiram enquanto político e enquanto homem" – e não consegue libertar-se do dever de dar a mão aos restantes partidos de esquerda, com os quais alinhou nesse período. Só que agora ele está do lado da oposição ao governo e já não está no Executivo, o que o obriga a tomar muitas decisões solitárias – vejamos se o BE e o PCP o perdoam por isso.

Esta semana, já apertado por uma decisão que possa vir a viabilizar o OE 2025, o PS abriu portas a um entendimento à esquerda para as eleições autárquicas, respondendo assim ao desafio que lhe tinha sido proposto semanas antes. Pedro Nuno Santos e Rui Tavares, do Livre, reuniram-se pela primeira vez para criar pontes para o sufrágio do próximo ano. "Ficou claro para os dois partidos que há disponibilidade dos dois lados para continuarmos a conversar e provavelmente, ou porventura, encontrar soluções de trabalho em conjunto, nomeadamente para as eleições autárquicas, desde logo em Lisboa", afirmou o secretário-geral do PS.

Como já percebemos, tudo seria perfeito se não houvesse um Orçamento para aprovar lá para o final deste ano. E este vai ser o problema que Pedro Nuno Santos terá para gerir, porque, como já criticou a coordenadora do BE, Mariana Mortágua, se este PS viabilizar a proposta de OE 2025 do governo PSD/CDS-PP, em contramão com os restantes partidos de esquerda, está a entrar em "contradição", aponta. "Essa é a questão essencial num acordo para autárquicas e, em particular, num acordo para a cidade de Lisboa: derrotar a direita e resolver os problemas da cidade de Lisboa. Se me pergunta se eu acho que é compreensível que o PS, entendendo que é preciso fazer isto em Lisboa [...], faz sentido que aprove um Orçamento de direita de Luís Montenegro... não, acho que não faz nenhum sentido" (citação da Lusa).

> **Na política também se gerem silêncios e, principalmente, o tempo. Daí que Pedro Nuno Santos esteja hoje a acenar com ofertas futuras em relação às autárquicas para compensar o que pode estar prestes a acontecer e de que os restantes partidos de esquerda discordam."**

Acontece que na política também se gerem silêncios e, principalmente, o tempo. Daí que Pedro Nuno Santos esteja hoje a acenar com ofertas futuras em relação às eleições autárquicas em setembro ou outubro de 2025 para compensar o que pode estar prestes a acontecer e de que os restantes partidos de esquerda discordam. Quanto mais cedo começar esta 'campanha' rumo às autárquicas, com maior facilidade o secretário-geral do PS pode tentar fazer passar o OE 2025 entre os pingos da chuva, até porque para o ano há mais, e, se a erosão comer uma parte substancial do eleitorado da Aliança Democrática, renovam-se as esperanças do apagar da chama deste governo. Pedro Nuno Santos está mesmo a ser posto à prova.

## OS NÚMEROS DO DIA

**69**

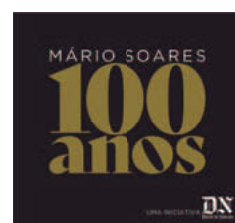
**ANOS**
A fadista Mísia morreu este sábado, aos 69 anos. Nascida no Porto em 1955, era um dos nomes mais conhecidos do fado a nível internacional.

**LUGAR**
O ciclista Nelson Oliveira terminou no sétimo lugar na prova de contrarrelógio olímpico, ganha pelo belga Remco Evenepoel. O resultado valeu a Portugal o primeiro diploma olímpico (atribuído aos oito primeiros de cada prova) nos Jogos de Paris.

**4642**

**ESPÉCIES**
Mais de 4600 espécies de vertebrados, especialmente peixes e aves, estão em estado crítico devido à exploração de minerais.

**552**

**DETIDOS**
Pelo menos 552 pessoas foram detidas em flagrante delito durante um conjunto de operações realizadas pela Guarda Nacional Republicana na semana entre 19 a 25 de julho, segundo dados provisórios divulgados ontem pela GNR.

28.7.2024

**Direção interina:** Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Diretor de arte** Rui Leitão **Diretor adjunto de arte** Vítor Higgs **Editores executivos** Carlos Ferro, Helena Tecedeiro, Pedro Sequeira **Editor executivo adjunto** Artur Cassiano **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Fernanda Câncio e Leonardo Ralha **Editores** Sofia Fonseca, Carlos Nogueira, Ricardo Simões Ferreira, Rui Frias, Filipe Gil e Nuno Fernandes **Redatores** Amanda Lima, Ana Meireles, César Avó, David Pereira, Isabel Laranjo, Isaura Almeida, Mariana de Melo Gonçalves, Rui Miguel Godinho, Susete Henriques, Susana Salvador e Vítor Moita Cordeiro **Revisão** Adelaide Cabral **Arte** Eva Almeida (coordenadora), Fernando Almeida, João Coelho **Digitalização** Nuno Espada **Dinheiro Vivo** Bruno Contreiras Mateus (Diretor) **Evasões** Pedro Lucas (coordenação ) **Notícias Magazine** Inês Cardoso (Diretora) **Conselho de Redação** Ana Meireles, César Avó, Fernanda Câncio e Sofia Fonseca **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves **E-mail geral da redação** dnot@dn.pt **E-mail geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** RuaTomás da Fonseca, Torre E, 5.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ºA – 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em www.dn.pt. Tiragem média de Fevereiro 2024: 6 084 exps.

# *BULLYING* NA GNR E PSP

# Mais de 70% dos polícias que se dizem vítimas não denunciaram

**SEGURANÇA** Pela primeira vez em Portugal, os membros da PSP e da GNR foram inquiridos sobre práticas de assédio moral no trabalho. 30% dos respondentes assumiram-se como vítimas. Desses, mais de 10% relataram, como consequência, ideação suicida ou homicida, e 7,5% queixaram-se de agressões sexuais físicas. Só 22,6% denunciaram a situação. Corporações recusaram participar no inquérito.

TEXTO **FERNANDA CÂNCIO**

"No meu local de trabalho já se suicidaram dois militares. Fui o último a conversar com o último a cometer a loucura, mas não fui capaz de perceber nenhum sinal. Estive para ser o terceiro, felizmente tive um camarada que percebeu e passado algum tempo me permite escrever este texto. Pedi ajuda, sinto que estou a ser bem acompanhado. Mas este problema existe e na maioria fica escondido […]."

"Opressões constantes e uso negativo da hierarquia, promovendo o medo e insegurança nas pessoas. A instituição virou uma prisão, uma sentença…"

"O meu corpo ficava doente ao entrar no quartel. Deixava de ter respostas/funcionamento normal. Os tremores e mal-estar num certo dia de manhã levaram a que não conseguisse conduzir com segurança até ao local de trabalho e a ficar bloqueado dentro do carro, a olhar para o final da rua onde se encontrava a entrada do quartel. Nesse momento deu-se a tomada de perceção de que tinha aguentado o suficiente e que tinha que me proteger a todo o custo, pois a minha saúde físicas e mentais estava em risco. Seguiu-se o recurso ao apoio médico e a baixa médica. A melhoria foi imediata ao saber que não teria que ir suportar os comportamentos persecutórios e desestabilizadores diários e constantes por parte de um elemento superior hierárquico, comportamento esse que, apesar de verificado por outros superiores, nada foi feito para contrariar […]."

"As queixas e as denúncias de assédios são abafadas e desvalorizadas. É visto como 'normal' e disciplinador práticas que na lei são claramente crime de assédio. Estas práticas são incentivadas e valorizadas pelas chefias."

"As intimidações e ameaças de superiores hierárquicos são frequentes, mas de difícil comprovação, pois estão camufladas por detrás da função e posto que ocupam, em especial por parecerem pessoas urbanas e de educação elevada, no entanto por vezes não passam de uns narcisistas […]."

"Como experiência pessoal, posso reportar que pelo menos dois comandantes de unidade diagnosticaram os seus militares como tendo patologias do foro psiquiátrico ou de outro do género pelo simples facto de esses mesmos militares confrontarem de forma assertiva as decisões do comando, e este, por inércia e incapacidade de fazer melhor, rotulou-os e enviou-os para o centro clínico para receberem tratamento e afastá-los do serviço, quando na verdade o desequilibrado mental, por força do seu autoritarismo medieval, era o próprio comandante. Como se manda um comandante para o centro clínico para tratamento? Como se exonera um ignóbil desses?"

> "Muitos elementos das forças de segurança não denunciam com medo de represálias, outros refugiam-se no álcool e na medida mais gravosa e irreversível, o suicídio."

"Era necessário rever os critérios de seleção daqueles que querem desempenhar cargos de chefia, bem como a forma como são avaliados os desempenhos daqueles que lideram, porque não basta tirar uma nota positiva num teste escrito para poder liderar homens."

"Infelizmente, no meio onde trabalho temos que aguentar sem denunciar por causa das represálias. Não temos quem nos proteja."

Estes excertos são testemunhos de membros das forças de segurança que, anonimamente, responderam a um inquérito sobre assédio moral difundido pelas duas maiores associações sindicais da PSP e GNR – Associação Sindical dos Profissionais da Polícia (ASPP/PSP) e Associação dos Profissionais da Guarda (APG/GNR) – junto dos seus cerca de 15 mil associados.

Efetuado no âmbito da tese de mestrado *Assédio Moral nas Forças de Segurança: será preocupante?*, da autoria de Sandra Cerdeira de Campos Costa, cabo da GNR e mestranda em Ciências Forenses do Instituto Universitário de Ciências de Saúde (IUCS), o inquérito terá sido, de acordo com a orientadora do trabalho, Áurea Carvalho, o primeiro a abordar este fenómeno nas forças policiais portuguesas.

O objetivo, explica esta doutorada em Ciências Forenses (a mestranda, que defendeu a sua tese no IUCS a 17 de julho, não esteve disponível para falar ao DN), foi viabilizar o assédio moral nas polícias, garantindo que "não se fecha mais os olhos a esta matéria" e que passa a haver "uma consciência real e quantitativa, indicadores científicos de que isto é algo vivido pelas forças de segurança", de forma a "alertar as organizações para a situação, estimulá-las a pôr em prática estratégias de combate ao assédio moral no seu seio, melhorando a qualidade de vida nas nossas forças policiais". Em suma, diz Áurea Carvalho, "cuidar de quem cuida de nós, sociedade. Como poderão cuidar bem se não estão bem?".

### Mais de 70% dos polícias que se dizem vítimas de assédio não denunciaram

O projeto contava chegar aos

**A tese de mestrado da cabo da GNR Sandra Costa foi a primeira a abordar o assédio moral nas forças policiais.**

GLOBAL IMAGENS

mais de 44 mil efetivos da PSP e GNR através da colaboração das corporações, mas estas recusaram. "Uma das forças de segurança nem chegou a responder ao nosso contacto", informa Áurea Carvalho, que não recorda que justificação, se alguma houve, foi dada.

Foi, assim, necessário encontrar uma alternativa para chegar aos polícias, optando-se pelas duas principais associações sindicais e ajustando as expectativas para um universo que é um terço do total. Ainda assim, desses 15 mil potenciais respondentes apenas 302 participaram no inquérito, com 93 (30%) a assumirem já ter sido, ou estar a ser, vítima de assédio moral. Desses, 10,8% reportaram ideação suicida e 11,8% ideação homicida.

Na maioria dos casos (84,9%), o assediador indicado é um superior hierárquico e o assédio é descrito como referindo-se a situações em que ou não é permitido ao questionado falar, ou é interrompido (77,8%), críticas ao trabalho (74,8%), calúnias e falatório "pelas costas" (58,3%). Com bastante menor expressão há reporte de "ataques físicos leves, como advertências" (18,3%), ameaças de agressões (17,2%), "danos aos bens ou à viatura" (16,1%) e "agressões sexuais físicas diretas (7,5%).

A estratégia mais comummente adotada foi tentar evitar os agressores (34,4%), seguida do recurso à baixa médica (29%). Apenas 22,6% das reportadas vítimas de assédio efetuaram denúncia do facto, sendo que só num caso houve punição do assediador. Em cinco situações a punição ou transferência recaiu sobre o denunciante; em 29, os superiores hierárquicos ignoraram a denúncia.

"Pelo menos dois comandantes de unidade diagnosticaram militares seus como tendo patologias do foro psiquiátrico ou género pelo simples facto de esses mesmos militares confrontarem de forma assertiva as decisões do comando."

"Nenhum dos [64] participantes que não denunciaram o assédio indicou os motivos para não o fazer. Desta forma não existem resultados para apresentar e discutir relativos a esta questão", nota a tese, interpretando este silêncio: "Muitos elementos das forças de segurança não denunciam com medo de represálias, outros refugiam-se no álcool e na medida mais gravosa e irreversível, o suicídio. Segundo a Associação dos Profissionais da Guarda (APG/GNR), em Portugal não existem registos oficiais públicos sobre o número de suicídios na GNR, apenas sendo divulgado que o número de suicídios nas forças de segurança é o dobro do da restante população […]." E Sandra Cerqueira adverte: "As instituições deveriam procurar identificar o que leva os seus profissionais a adotar estes comportamentos, muitas vezes de fim de linha."

Precisamente entre as consequências reportadas do assédio sofrido – nas quais, à cabeça, surgem "dificuldade em adormecer" (60,2%), "ansiedade" (58,1%), seguidas por sintomas como "nó na garganta" (28%), "fadiga permanente" (26,9%), "palpitações" e "crises de choro" (20,4%) e "aumento nos conflitos familiares" (22,6%) – encontram-se, como já referido, ideações suicidas e homicidas, assim como "aumento do consumo de antidepressivos e ansiolíticos" (10,8%) e da "visão negativa dos outros e do mundo" (6,5%).

Reconhecendo, nas conclusões da sua tese, que os participantes no inquérito constituem uma amostra reduzida face ao efetivo total, Sandra Cerqueira considera que ainda assim este "proporcionou resultados muito úteis para que as respetivas instituições tomem consciência do fenómeno que têm dentro de portas e possam repensar muito bem as medidas imediatas para combater e prevenir as condutas nefastas que se definem como 'hábitos e costumes', mas que na realidade são comportamentos antiéticos".

É que, argumenta, "se numa amostra de 302 participantes cerca de um terço já foi ou é vítima de assédio moral, num universo total de cerca de 44.367 elementos das forças de segurança portuguesas […] provavelmente a percentagem seria igual, o que é assustador e alarmante."

### ASPP/GNR criou gabinete e *e-mail* para receber denúncias

"O assédio moral existe todos os dias, quanto mais não seja o chefe a ralhar com alguém perante toda a gente – algo que no anterior regulamento disciplinar da GNR não era permitido e desde a última alteração passou a sê-lo. Há uma questão estrutural – nem toda a gente é um bom chefe, um bom comandante –, pois não basta um curso, porque comandar pessoas não é para todos. Não é só o quero, posso e mando que faz um líder. E tudo isso junto com o restante – fracas condições de serviço, fracos salários – pode levar àquilo de que falamos e que se esconde muito, que são os suicídios. Às vezes os suicídios sucedem justamente porque os guardas são maltratados no serviço. Frequentemente o comando da GNR, e até o próprio ministério, diz que é por questões pessoais – não sei como fazem essa triagem, como veem isso…"

O comentário é de César Nogueira, presidente da ASPP/GNR, que olha para a baixa taxa de participação neste primeiro inquérito sobre assédio como uma evidência do clima que se vive nas corporações: "Só pelo número de respostas pode ver-se que é um problema que muitos têm receio de expor. Tanto mais que se trata, no caso da GNR, de uma estrutura muito hierarquizada, militar… Sei que a camarada [Sandra Cerqueira, a autora da tese] tentou fazer o inquérito através da GNR e recusaram. Só o não aceitarem, o não quererem participar, só por si já diz muito. Por aí vê-se que querem esconder o que existe."

Na ASPP/PSP a consciência de que existe um problema de assédio na corporação e que é preciso trazê-lo à luz do dia levou à criação de um gabinete, com advogados e psicólogos, para tratar da questão, e à disponibilização, em maio último, de um endereço de *e-mail* específico, para que os polícias possam reportar confidencialmente este tipo de situações. Foi também solicitada uma reunião com a Inspeção-Geral da Administração Interna (IGAI) – o órgão do Estado que fiscaliza as polícias – para a alertar para o fenómeno e apresentar algumas queixas. Ações, explica ao DN o presidente deste sindicato, Paulo Jorge Santos, que surgiram na sequência da receção pela ASPP/PSP de *e-mails* e reclamações relacionados com assédio.

"As queixas e as denúncias de assédio são abafadas e desvalorizadas. É visto como 'normal' e disciplinador práticas que na lei são claramente crime de assédio. Estas práticas são incentivadas e valorizadas pelas chefias."

Sobre a recetividade da hierarquia da PSP para abordar a questão, o sindicalista é diplomático: "A PSP evoluiu muito nestes 30 anos, mas as resistências sempre existiram por parte da hierarquia, por isso é que colocámos isto na IGAI, onde as queixas estão a seguir o seu curso". Assumindo não serem para ele uma surpresa os resultados do inquérito associado à tese de Sandra Cerqueira, incluindo o facto de haver quem nas polícias se diga vítima de agressões e de assédio sexual físico por parte de outros polícias – "tivemos conhecimento de situações dessas. Em relação ao assédio sexual, durante uma conferência ouvimos mulheres que estão na PSP há muitos anos, há décadas, e ali, naquele ambiente protegido, tiveram coragem de falar de coisas das quais se calhar nunca tinham falado. Foi duro" –, o dirigente sindical da PSP reconhece-se no entanto desiludido com a resposta à criação do gabinete e do *e-mail* dedicado. "Os contactos que tivemos com o gabinete não correspondem ao que acreditávamos ser a dimensão do fenómeno." Como o seu homólogo da APG/GNR, associa o fraco retorno "à existência de muita re-

**continua na página seguinte »**

» continuação da página anterior

serva e resistência por parte daqueles que são vítimas em falar. Têm medo de fazer a denúncia, é essa a ideia que temos".

A esse medo junta-se, frisa César Nogueira, o facto de não existir uma entidade vocacionada para a receção de denúncias deste tipo. "Nós não somos abrangidos pela Autoridade para as Condições de Trabalho (ACT), só temos a IGAI, que não serve para isso. Aliás, uma das coisas em que muito temos batalhado, nós e a ASPP/PSP, é a necessidade de fiscalização da higiene e saúde no trabalho, que não existe para as polícias. Já fizemos várias denúncias à IGAI, e a IGAI o que faz é perguntar à GNR se aquilo se passa ou não. Claro que a GNR, logicamente, vai dizer que não, a não ser que seja um caso público ou flagrante. Fora disso, não vai acontecer nada. Evidentemente que pode haver denúncias de assédio que não são fundamentadas, porque às vezes temos a noção de que estamos a ser maltratados e não é assim, mas tem de haver uma estrutura externa independente, que pode ser nos mesmos moldes da ACT, para fiscalizar, receber e investigar as denúncias, seja de assédio moral seja de falta de condições de trabalho em geral, a começar pelas instalações."

**"Assédio está enraizado na cultura de trabalho policial"**

Outra questão, prossegue o dirigente da APG/GNR, é a inexistência no Regulamento Disciplinar da GNR (e no Estatuto Disciplinar da PSP) de qualquer alusão a assédio ou *bullying*. "Essas coisas não estão lá", diz, "porque ainda temos uma cultura castrense muito vincada, ainda muito com base no que era a disciplina nas Forças Armadas, apesar de agora termos, pela primeira vez, um comandante oriundo da própria Guarda, e não do Exército [trata-se de Rui Veloso, nomeado em agosto de 2023]. Os regulamentos têm de se modernizar, de se adaptar às novas realidades. É preciso tirar a cabeça da areia e ver que os problemas existem e que é preciso resolvê-los. O que se tem feito é enterrar a cabeça na areia e depois, quando acontece alguma desgraça, é que se vai correr atrás do prejuízo".

Questionado sobre se considera necessário que o *bullying* e o assédio sejam especificamente abordados num código ou regulamento da PSP, Paulo Jorge Santos hesita. "Admito que seja importante um código de conduta, mas no caso da PSP os mecanismos existem. O necessário, na minha opinião, é que as pessoas ganhem consciência do fenómeno e coragem para o expor, porque se não denunciarem nada muda."

No Regulamento Disciplinar da GNR e no Estatuto Disciplinar da PSP não há alusão ao *bullying* ou ao assédio.

> "O objetivo do inquérito foi alertar as organizações para a situação, estimulá-las a pôr em prática estratégias de combate ao assédio moral. Cuidar de quem cuida de nós, sociedade. Como poderão cuidar bem se não estão bem?"

> "A camarada [a autora da tese, cabo da GNR] tentou fazer o inquérito através da GNR, e recusaram. Só o não aceitarem, o não quererem fazê-lo, já diz muito. Por aí vê-se que querem esconder o que existe."

A preocupação com o assédio moral, *bullying* e outros tipos de assédio, como o sexual, nas forças de segurança está há muito presente em vários países. No Reino Unido, um dos maiores sindicatos do setor público, o UNISON, efetuou o primeiro inquérito sobre as atitudes do *staff* policial em 2002. Nessa altura, 28% dos inquiridos assumiram que ou tinham sido vítimas de *bullying* ou tinham testemunhado *bullying* sobre colegas. Seis anos depois, repetindo o inquérito, 21% disseram ter sido vítimas e 26% assistido a situações de *bullying* sobre colegas. Em 2013, um relatório da Independent Police Commission (desde 2018 Independent Office for Police Conduct), órgão independente fiscalizador das polícias, reportou que num inquérito efetuado no universo policial 57% dos participantes tinham experienciado *bullying* em alguma ocasião e 30% sempre, ou em determinada altura.

Depois de, em 2013, o governo de Theresa May ter anunciado uma reforma no sentido de reforçar a integridade policial e pedido ao recém-criado College of Policing (mais um órgão independente que estabelece os padrões da profissão e partilha conhecimento sobre os desafios que esta enfrenta) para desenvolver um código de ética sobre os princípios e padrões da profissão e o comportamento profissional para as polícias de Inglaterra e País de Gales, o UNISON insistiu que os temas do *bullying* e do assédio tinham de ser nele abordados, o que de facto sucedeu. O código estabelece, nomeadamente, que "o comportamento e a linguagem dos polícias não podem ser percebidos como abusivos, opressivos, assediadores, vitimizadores ou ofensivos pelo público ou pelos colegas".

Em 2015 o sindicato voltou a efetuar outro inquérito sobre *bullying* e assédio aos seus membros do *staff* policial de Inglaterra, País Gales e Escócia, obtendo 1015 respostas, a maioria das quais (84%) da polícia inglesa. Nesse universo, 6% disseram que o *bullying* é um problema muito grave no seu trabalho, 20% que é grave, 36% que é um problema menor e 38% que não constitui qualquer problema. Apesar de só 26% considerarem o facto grave ou muito grave, 53% afirmaram já ter sido alvo de *bullying* e 16% que estavam naquele momento a sofrê-lo. 59% dos que não consideravam ter sido alvo disseram já o terem testemunhado sobre colegas.

A forma mais comum apontada foi a humilhação (63%), seguida por "excessivo criticismo" (56%) e vitimização (42%); a maioria (69%) disse não ter muita confiança, ou nenhuma, em que a organização fosse capaz de lidar de forma justa com a situação – de resto, 77% afiançaram que nada tinha sido feito para lidar com o *bullying* nos últimos 12 meses.

Estes dados demonstram, diz o UNISON, que as mulheres têm mais tendência a apontar o *bullying* e a serem vítimas dele: 58% disseram tê-lo sofrido, contra 45,36% de homens. A conclusão do sindicato é que o comportamento assediador está profundamente enraizado na cultura de trabalho policial em Inglaterra, País de Gales e Escócia, sem que as corporações, sabendo-o, tenham sido capazes de lidar com o fenómeno eficazmente.

# Produção legislativa do governo esmagada pela falta de maioria

**BALANÇO** O Parlamento aprovou em quatro meses três leis apenas, sendo que só duas emanaram de propostas do governo. PS fala num "contexto de grande fragmentação" e Bloco de Esquerda é o partido com mais trabalho apresentado, incluindo uma moção de rejeição.

TEXTO **VÍTOR MOITA CORDEIRO**

Dados da primeira sessão legislativa da XVI Legislatura divulgados pela Assembleia da República (AR) dão conta de uma atividade parlamentar improvável, com apenas três leis aprovadas desde que o Parlamento iniciou funções. Este é o retrato de um hemiciclo marcado por uma força governativa – a Aliança Democrática (AD) – sem maioria absoluta, cujo poder é medido pelas ações dos partidos da oposição.

O Parlamento, na configuração atual, iniciou funções no dia 26 de abril e até agora deram entrada no hemiciclo 239 iniciativas legislativas (projetos de lei e propostas de lei), com apenas 11 aprovadas em votação final global, indica o relatório da AR.

Mas antes dos números do trabalho feito pelos deputados impõe-se uma imagem do hemiciclo que saiu das últimas eleições legislativas.

GERARDO SANTOS / GLOBAL IMAGENS

**Em quatro meses, o governo apresentou 12 propostas de lei, das quais só quatro foram aprovadas.**

O PSD tem 78 deputados, com os quais, em coligação com os dois deputados do CDS – a AD –, forma a maior representação parlamentar, o que acabou por lhe valer a oportunidade de constituir o governo. Logo a seguir, também com 78 deputados, aparece o PS, logo sucedido pelo Chega, com 50 mandatos. A Iniciativa Liberal (IL), com oito deputados, o Bloco de Esquerda (BE), com cinco, o PCP e o Livre, cada um com quatro e, por fim, o PAN, com uma deputada, formam o restante hemiciclo.

Nesta sessão legislativa, o BE tem sido o partido com mais iniciativas entradas até ao final da semana passada, antes das férias, com um total de 57 projetos de lei, isto é, os diplomas com poder vinculativo, caso cheguem ao fim de todo o processo legislativo. Um destes diplomas – que altera as deduções especificas do IRS – foi mesmo aprovado em votação final global.

Em termos de aprovações, o PS, com 10 projetos de lei produzidos, foi o campeão, com cinco diplomas a encontrarem futuro por deliberação do hemiciclo. Este número chega a bater a quantidade de diplomas que o governo conseguiu fazer valer no Parlamento: apenas quatro propostas de lei aprovadas entre um total de 12 apresentadas.

Em quatro meses, a AR aprovou sete projetos de lei (cinco do PS, um do BE e um assinado em simultâneo por PSD, PS, Chega, IL, BE, PCP, Livre e CDS) e quatro propostas de lei do governo. No final, só três leis chegaram ao fim do seu ciclo natural, já promulgadas.

No total, os partidos apresentaram 226 projetos de lei (57 do BE, 45 do PCP, 39 do PAN, 36 da IL, 25 do Chega, 10 do PS, oito do Livre, quatro do PSD e um da Iniciativa Legislativa de Cidadãos) e 13 propostas de lei (12 do governo e uma da Assembleia Legislativa dos Açores).

Houve ainda margem para duas moções de rejeição do programa do governo, que, chumbadas no final, partiram do BE e do PCP.

**239**

**diplomas** Partidos produziram 226 projetos de lei, aos quais se somam 12 propostas de lei do governo e uma proposta de lei do Parlamento açoriano.

### Críticas e avisos da oposição

Contactada pelo DN, fonte da bancada do PS fala num "contexto de grande fragmentação parlamentar". Foi neste ambiente, destaca, que os socialistas conseguiram fazer aprovar cinco projetos de lei: "Aumento até 800 euros na dedução das rendas em sede de IRS, exclusão dos rendimentos dos filhos no acesso ao Complemento Solidário para Idosos, eliminação das portagens nas ex-SCUT, alargamento do apoio ao alojamento estudantil até ao 6.º escalão [do IRS] e a redução do IVA da eletricidade para 6%."

Para além disso, o PS ainda sublinhou a "redução do IRS, inicialmente do governo e ajustada" pelos socialistas, que já foi promulgada pelo Presidente da República, e que o Executivo liderado por Luís Montenegro anunciou irem entrar em vigor em setembro e com retroativos.

Também a IL aponta o dedo à falta de concretização do governo. Para a líder parlamentar do partido, Mariana Leitão, o Executivo avançou com "planos cuja materialização não se tem visto". De acordo com a deputada, "resolveu-se a questão do subsídio de missão" da PSP e GNR mas fica por dar uma resposta mais satisfatória à recuperação do tempo de serviço dos professores, para além do "problema mais gritante de todos, na área da saúde", em que o governo apenas apresentou "remendos". As pessoas que não têm seguro de saúde "estão condenados ao Serviço Nacional de Saúde, no qual muitas vezes estão meses, às vezes até anos, à espera para conseguir uma consulta ou uma cirurgia ou o que quer que seja".

Também o PCP aposta na saúde como um problema a resolver com urgência, acrescentando à lista de assuntos que requerem resposta "os serviços públicos e a educação", explicou ao DN a líder da bancada comunista, Paula Santos. A deputada comunista lembrou também o chumbo da proposta do partido para a criação "da Comissão Parlamentar de Inquérito à Privatização da ANA", que teria sublinhado "como foi prejudicial todo esse processo. Prejudicial para o país, prejudicial para o povo", conclui.

Com a saúde na ordem do dia, o líder parlamentar do BE, Fabian Figueiredo, em declarações ao DN, criticou o governo, que, diz, "além de piorar e não resolver os problemas, não chegar a acordos profissionais, não fazer os investimentos que são necessários, conseguiu encontrar uma ministra [Ana Paula Martins] para a tutela que consegue criar conflitos nas mais diversas áreas do Serviço Nacional de Saúde". E lembrou "a atrapalhada do INEM", quando o Ministério da Saúde ignorou os avisos do fim do contrato do serviço de helitransporte de doentes, obrigando a direção do instituto a recorrer a um ajuste direto.

Sobre o balanço da atividade parlamentar deste ano, PSD, CDS, Chega, Livre e PAN, contactados pelo DN, não deram qualquer resposta.

vitor.cordeiro@dn.pt

# Santos Silva vai responder de forma presencial na CPI ao caso das gémeas

**DEPOIMENTO** Data ainda está por confirmar, mas a audição deverá acontecer em setembro. Tendo a opção de enviar respostas escritas, ex-MNE prefere falar diretamente aos deputados.

TEXTO **RUI MIGUEL GODINHO**

É com "todo o gosto" que Augusto Santos Silva vai ao Parlamento "prestar os esclarecimentos que conseguir" sobre o caso das gémeas luso-brasileiras tratadas com o medicamento mais caro do mundo.

Em declarações à Lusa, o ex-presidente da Assembleia da República (que, à altura dos factos, era ministro dos Negócios Estrangeiros) confirmou a notícia avançada pela Rádio Observador na noite de sexta-feira.

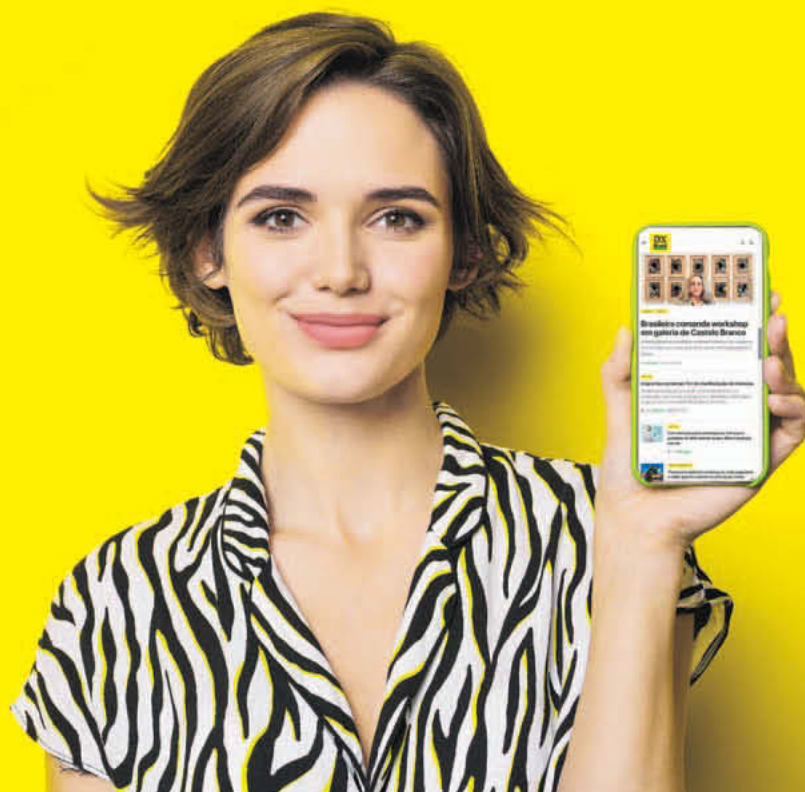
Podendo responder por escrito, por ser um ex-presidente do Parlamento, Augusto Santos Silva afirmou que não vai usar essa "prerrogativa" e que estará presencialmente na audição da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) ao caso. A data, no entanto, ainda não está definida, havendo três dias possíveis: 13, 20 e 27 de setembro. Há outras datas possíveis, mas, como explicou o presidente da CPI, Rui Paulo Sousa, "há várias jornadas parlamentares que inviabilizam as datas de 10, 17 e 24" desse mês. Contudo, o próprio Augusto Santos Silva disse não estar disponível a 20 de setembro, por não estar no país. "Espero que a data seja acertada comigo depois das férias", apontou.

*Augusto Santos Silva*
*Ex-presidente da Assembleia da República*

Confirmada está já a audição a Marta Temido, ex-ministra da Saúde e atual eurodeputada eleita pelo PS. Rui Paulo Sousa anunciou na sexta-feira que a ex-governante será ouvida pelos deputados a 27 de setembro.

Além de Santos Silva e de Marta Temido, o ex-primeiro-ministro António Costa vai também prestar esclarecimentos sobre o caso. Mas, ao contrário do ex-ministro dos Negócios Estrangeiros, o presidente eleito do Conselho Europeu vai responder por escrito, algo a que tem direito, por lei, por ser um ex-chefe de governo.

Durante a próxima semana, o Presidente da República, que também foi convocado para responder à CPI, irá anunciar como fará o seu depoimento. Questionado na semana passada sobre o assunto, Marcelo Rebelo de Sousa remeteu esclarecimentos para os próximos dias. Se assim entender, por lei, o chefe de Estado pode também ele responder por escrito.

Instalada a 22 de maio, a CPI ao caso das gémeas tratadas com o Zolgensma já ouviu uma dezena de pessoas ligadas ao caso. Entre estas inclui-se a mãe das gémeas (Daniela Martins), Nuno Rebelo de Sousa (filho do Presidente da República) ou ainda Fernando Frutuoso de Melo (chefe da Casa Civil).

Opinião
Duarte da Costa

# Como a falta de um conceito estratégico nacional contribui para um baixo investimento na Defesa e nas Forças Armadas

A baixa percentagem do Produto Interno Bruto (PIB) investido na Defesa e nas Forças Armadas (FA) da grande maioria dos países europeus é uma constatação. Ponto.

E é uma constatação que preocupa mais a Organização do Tratado do Atlântico Norte (NATO) e as sucessivas Administrações norte-americanas do que preocupa os cidadãos europeus. Talvez na base desse aparente alheamento europeu esteja a crença de que os EUA virão, se necessário, em defesa dos valores da independência democrática da "Velha Dama", tal como fizeram no decurso da 1.ª e da 2.ª Guerra Mundial, onde morreram em território europeu quase meio milhão de cidadãos americanos.

Portugal não desalinha desse comportamento, acrescentando a posição geográfica afastada dos centros de conflito na Europa como mais uma razão que confirma a constatação. E a grande maioria dos portugueses vê a alocação de recursos para a área da Defesa Nacional mais como uma despesa do que como um investimento.

Mas as crenças e a geografia não explicam tudo. Há uma razão mais profunda que explica esse afastamento dos portugueses da sua Defesa Nacional e das suas FA. E essa razão relaciona-se com a falta de um conceito estratégico nacional (CEN), ou de uma estratégia nacional, como lhe queiram, com alguma liberdade, chamar, que indique as áreas fundamentais do Estado onde o desenvolvimento dos fatores críticos de sucesso para os seus objetivos vitais, tal como a Defesa Nacional, é inegociável. Não nos podemos esquecer de que, como refere a Teoria da Estratégia, os Estados, pelos seus objetivos importantes, estão dispostos a combater, mas pelos seus objetivos vitais estão dispostos a morrer. E a História mundial não se cansa de demonstrar isso.

Para mais fácil entendimento, uma estratégia nacional deve definir a forma de gerar, estruturar e aplicar os recursos do Estado por forma a salvaguardar os interesses nacionais nas diversas áreas da organização desse mesmo Estado. E nesta aceção percorre todo o arco de interesses, recursos e políticas nacionais, e não apenas os ligados à segurança e defesa, como erradamente muitas pessoas pensam.

E essa é a razão por que um CEN é de extrema importância para Portugal, pois, para além de ajudar a definir os objetivos nacionais, contribui para a definição de áreas de investimento e desenvolvimento que são críticas para a resiliência nacional, para a segurança do país e, em última análise, para a sua sobrevivência no panorama internacional. Ao definir linhas de ação estratégica e financeira em áreas vitais, tais como a segurança (nas componentes da Defesa Nacional e da segurança interna), a economia, a gestão dos recursos hídricos, a alimentação, as comunicações, o transporte, a energia, a saúde, identifica-as como fatores críticos de sucesso que garantem a proteção do território, da população e dos interesses nacionais.

Assim, um CEN:

Permite identificar as áreas críticas onde os investimentos são mais necessários para garantir a resiliência do país;

Contribui para alinhar recursos e esforços do governo e das várias instituições para garantir a segurança e bem-estar (fins teleológicos) do Estado, evitando duplicações;

Garante uma abordagem integrada e eficaz das áreas críticas definidas;

Define claramente as prioridades para investimento e financiamento no arco de interesses e políticas nacionais;

Ajuda a garantir a soberania e a independência em várias áreas de interesses, fortalecendo e protegendo Portugal de riscos e ameaças.

Mas tão importante como definir em que aspetos a sua existência é essencial para ajudar ao investimento na Defesa Nacional e nas FA, importa, por oposição, mostrar em que aspetos a sua ausência contribui para essa falta de investimento. Assim, sem um CEN bem definido pode haver falta de clareza sobre os objetivos nacionais, e isso pode levar a indecisões sobre onde direcionar recursos e investimentos na resiliência do Estado. Isso tem como resultado alocações ineficientes de recursos e falta de investimento nas áreas mais críticas. E esta ausência dificulta a formação de consenso político em torno das necessidades críticas, pois daqui resultam debates intermináveis sobre a alocação de recursos e consequentes atrasos em investimentos necessários. E neste desiderato as FA são o exemplo acabado desses atrasos nos investimentos.

E, se não bastasse o que já foi dito sobre a necessidade de um CEN, acresce ainda que sem uma estratégia clara e abrangente a vários setores do Estado, e de longo prazo, é difícil para qualquer governo planear e executar investimentos públicos em capacidades críticas, podendo levar a decisões reativas, em vez de proativas, e que a longo prazo podem minar a resiliência nacional.

A construção de um CEN deverá ter por base um trabalho de análise que considere os seguintes fatores críticos:

1. **Identidade nacional e interesses estratégicos:** envolve a compreensão da identidade nacional de Portugal, seus valores, interesses estratégicos e sua posição no cenário internacional. A sua definição clara é fundamental para gerar, estruturar e aplicar os recursos em áreas consideradas essenciais para a segurança, bem-estar e resiliência do país;

2. **Análise de ameaças e vulnerabilidades:** é essencial realizar uma análise abrangente das ameaças e vulnerabilidades que podem afetar a segurança e a resiliência nacional. Isso inclui ameaças tradicionais, como agressões militares, bem como ameaças emergentes, como ataques cibernéticos, terrorismo, desastres naturais, posse de recursos, desestabilização dos setores produtivos, ameaças a cadeias de energia, comunicações e transporte, entre outros. A compreensão desses desafios ajuda a prioritizar os investimentos nas áreas mais críticas;

3. **Capacidades estratégicas:** capacidades essenciais que o Estado deve possuir para proteger os seus interesses e garantir a sua segurança e resiliência. Isso inclui as capacidades da produção, da força de trabalho, da defesa, da segurança interna, da cibersegurança, das informações (Intel), da resposta a crises e emergências, entre outras. Identificar as capacidades estratégicas necessárias é fundamental para definir os objetivos de investimento.

Por tudo o que referi anteriormente, acredito que a criação de um CEN é fundamental para orientar o futuro do país. Esse documento, depois de estruturado e validado politicamente na Assembleia da República, servirá como um guia que estabelece as diretrizes, objetivos e prioridades a longo prazo para o desenvolvimento do país em diversas áreas, como economia, política, segurança, educação, ciência e tecnologia, entre outras. E, acima de tudo, permitirá que o país defina uma visão de longo prazo para o seu desenvolvimento, estabelecendo metas e objetivos claros a serem alcançados ao longo de um período estabelecido, ajudará na coordenação e coerência das políticas públicas em diferentes áreas, garantindo que todas as iniciativas estejam alinhadas com os objetivos estratégicos definidos, e ajudará a promover a coesão e a unidade nacional, garantindo que todas as áreas-chave sejam consideradas nos processos de planeamento e desenvolvimento. E a Defesa Nacional e as FA, como áreas-chave que são, terão objetivos alinhados com o desenvolvimento do país e o consequente acesso a maiores investimentos, que concorram para um aumento da percentagem do PIB investido nas suas áreas. E no atual cenário global a NATO agradece.

**A grande maioria dos portugueses vê a alocação de recursos para a área da Defesa Nacional mais como uma despesa do que como um investimento.**

*Presidente da Autoridade Nacional de Emergência e Proteção Civil.*

# Concorrência aumenta entre vendedores ambulantes na praia

**NEGÓCIOS DE VERÃO** Da artista plástica ao jogador de futebol, a venda nas praias atrai trabalhadores dos mais diferentes perfis num dos principais areais da Linha de Cascais. O DN passou uma tarde na praia de Carcavelos para entender o universo das bolas de Berlim – e muito mais.

TEXTO **NUNO TIBIRIÇÁ** FOTOS **LEONARDO NEGRÃO**

Ir à praia de Carcavelos numa tarde de verão e não ouvir o tradicional "olha a bolinha" é como ir ao estádio de futebol sem o barulho dos adeptos. O maior clássico dos vendedores ambulantes nas praias portuguesas continua a ser a bola de berlim, uma iguaria apreciada de geração em geração. Há todo um contexto por trás do produto, que também causa intrigas e disputas a beira-mar entre os vendedores e em reuniões na câmara municipal.

A reportagem do DN passou um dia de muito calor na praia de Carcavelos para conhecer os personagens por trás das vendas ambulantes na areia e perceber o que mais é vendido além do tradicional doce de praia português. Ao DN, a Câmara Municipal de Cascais destaca que cada praia tem um limite máximo de vendedores ambulantes, sendo que em 2024, na praia de Carcavelos, foram concedidas licenças a dez comerciantes. A cada ano é necessário renovar a autorização para comercializar os produtos. No entanto, o número de profissionais com geleiras na mão é bem maior.

A bola de Berlim continua a ser a principal atração e cativa clientes de todas as nacionalidades. Há também quem tenha entrado no negócio sem ser português. É o caso da brasileira Marilena Rubens, que chega a vender 200 unidades do doce "num dia bom". A imigrante, artista plástica de profissão, viu na venda ambulante uma forma de trabalho há sete verões. "No começo tinha vergonha, mas fui tomando gosto e agora já lá vão sete anos", conta Marilena, que já trabalhou como cuidadora de idosos e na restauração. Mas a estratégia de vendas da brasileira é alvo de problemas com outros vendedores da praia. Marilena compra o produto em pastelarias variadas da Parede e Cascais e revende por 1,80 euros cada, mas a maior parte dos vendedores abordados pela reportagem negoceia por dois euros.

"O preço da bola, por norma, costuma ser dois euros. Mas muita gente me falava que achava isso caro, então resolvi baixar um pouco e isso refletiu-se bastante nas minhas vendas. O pessoal foi fazer queixa de mim para a câmara municipal, mas lá eles me deram razão, afinal foi o que eu falei para eles: existe a lei da oferta e da procura. Se eu quiser, posso vender até por um", diz.

**Fiscalização menos rigorosa**

António Olias vende bolas de Berlim há mais de 40 anos e é uma figura conhecida de quem frequenta as praias de Carcavelos e do Guincho. Ao DN conta que a fiscalização era mais rigorosa anteriormente, quando o processo era de responsabilidade das capitanias. O vendedor analisa que, quando as câmaras municipais passaram a ser responsáveis, em 2018, tornou-se cada vez mais comum a presença de vendedores sem licenças na região. "Com as capitanias o processo era um pouco mais fácil e mais organizado. Hoje em dia, aqui na praia é quase tudo sem licenças, tudo à balda. Não que isso me afete, afinal não vendo essas bebidas, mas é ruim para os bares das praias. Nas bolas, há também quem venda mais barato, mas um produto pior. Vendo sempre pelo mesmo preço, dois euros, quando não havia muita concorrência cheguei a vender duas mil bolinhas num daqueles dias mesmo movimentados", destaca.

> Os vendedores já sentem a concorrência aumentar com a presença de ambulantes brasileiros no local. Já houve até denúncias à câmara por haver quem venda bolas de Berlim mais baratas.

O profissional já sente o aumento da disputa pelos clientes no negócio. "Agora já é mais complicado. Antigamente era eu e mais dois aqui na praia, agora tem um monte, principalmente brasileiros", afirma António, que trabalha por conta própria.

A Câmara Municipal de Cascais não possui números exatos sobre o total de vendedores. Apenas afirma que a procura por licença "pouco mudou nos últimos anos". Na hora de autorizar ou não, as autoridades municipais destacam que levam em conta alguns fatores que priorizam ou não um interessado em

Marilena (centro), Márcia (em baixo à esq.) e António (em baixo à dir.) na praia de Carcavelos.

**Há quem tenha a venda ambulante como profissão estabelecida, enquanto outros apenas utilizam o trabalho como uma forma de arranjar dinheiro.**

**A Câmara Municipal de Cascais não possui números exatos sobre o total de vendedores por ano. Apenas afirma ao DN que a procura por licença "pouco mudou" nos últimos anos". Neste verão foram concedidas licenças a dez profissionais em Carcavelos.**

entrar no negócio das vendas ambulantes. Além da residência ou sede na região, a câmara dá prioridade aos que tenham exercido a atividade de venda ambulante em praias balneares do concelho nos dois últimos anos.

O casal de brasileiros Márcia Monteiro e Vanderlei Monteiro estão no negócio desde 2019. A bola de Berlim continua a ser o principal produto de venda. "Eu admiro muito a relação que os portugueses têm com a bola de Berlim. É uma coisa geracional, os avós comiam, os pais, agora as crianças, que já chegam todas felizes quando me veem, me sinto mesmo a mãe Natal quando venho aqui vender a bolinha", destaca.

Além do tradicional produto, trazem nas geleiras salgadinhos tradicionais do Brasil, como a coxinha. O produto é popular entre brasileiros, logicamente, mas também entre os portugueses. Eles apresentam-se como os "pioneiros" no negócio de coxinha de frango nas praias. "A introdução da coxinha também acabou por ser uma ótima ideia, porque dá também mais variedade para quem queira algo salgado. E a nossa é mesmo uma refeição, é uma coxinha XL, com bastante recheio de frango e queijo Catupiry. Vendemos por 2,5 euros e é quase um almoço", diz Márcia, em Portugal há oito anos.

Formada em Jornalismo no Brasil, Márcia foi uma das muitas imigrantes que, ao chegar a Portugal, encontraram uma dificuldade de inserção no mercado de trabalho que a levou para outras áreas. A mineira abriu a Delei na Praia há cinco anos e, fora da temporada alta, quando o trabalho é sempre na praia, o empreendimento funciona com encomendas de salgados, como coxinhas, bolinhas de queijo e quibes – muito tradicionais em festas infantis no Brasil.

A imigrante garante que a habilidade de comunicação que possui é uma mais-valia para o trabalho. "A vida de imigrante te leva para outros caminhos e eu não me arrependo. Trabalhar na praia também é uma forma de se comunicar", ressalta.

**Polémicas**

"Cerveja, refrigerante, água." Os dizeres por parte de alguns vendedores são os que geram a principal polémica e maus olhares dos vendedores de bolas de Berlim com as licenças em dia. Os que trabalham sem a autorização justificam que a burocracia é muito grande. O principal entrave apontado por alguns dos vendedores é a exigência da câmara em residir no concelho.

De acordo com vários profissionais que conversaram com o DN, os que trabalham sem licença vendem apenas bebidas. Porém, Marilena recorda que já aconteceram confusões na praia por causa disso. "Já deu confusão. No ano passado, um rapaz estava a vender cerveja numa caixa e as bolinhas noutra. E, inclusive, veio me ameaçar e ameaçar outros comerciantes antigos. Tive que chamar a polícia quase todos os dias para ficar de olho. Aliás, olha outro sem licença aí", aponta Marilena a outro homem que passava pela praia e não quis falar com a reportagem.

Há quem tenha a venda ambulante como profissão estabelecida, enquanto outros apenas utilizam o trabalho como uma forma de arranjar dinheiro. É o caso do brasileiro Luis, jogador de futebol com passagens por clubes como o Lusitânia, dos Açores, e os sub-23 do Estrela da Amadora. O profissional teve recentemente uma lesão no joelho que o fez ficar afastado dos relvados e a solução foi sair do cenário desportivo para o areal de Carcavelos, tanto para juntar dinheiro, quanto para fortalecer os músculos.

"Há três meses que comecei a trabalhar aqui na praia. Precisava de algo que me ajudasse também no processo de recuperação, então aqui aproveito para fazer um dinheirinho e também fortalecer o joelho na areia. Quando termino o expediente, treino por aqui mesmo", conta o jogador, que no Brasil passou por clubes como o Juventude, que faz parte da elite do futebol nacional.

"Isto é para desenrascar, o mais rapidamente possível quero voltar a jogar bola. Mas, até lá, acho que faz sentido trabalhar por aqui, não só pela minha recuperação mas também pela demanda. Tem muita gente na praia e acredito que quanto mais gente estiver vendendo melhor para o público. Até porque nós, eu e os meus colegas, não entramos no negócio das comidas, o nosso trabalho é só vender cerveja, refrigerante e água fresca a um preço justo para o pessoal que quer curtir a praia", finaliza o jovem, de 25 anos.

Quem se arrisca a vender sem licença está sujeito a penalizações. De acordo com a câmara, as coimas para os trabalhadores que não têm a devida documentação pode ser aplicada pela própria autoridade municipal. Para pessoas individuais, a coima pode chegar aos 3740 euros, enquanto para pessoas coletivas os valores podem chegar aos 44.890 euros.

*nuno.tibirica@dn.pt*

# Fim da manifestação de interesse: associações vão exigir encontro com Montenegro

**ESTRATÉGIAS** Encontro realizado na tarde de ontem definiu uma série de iniciativas para tentar reverter a medida do governo. Uma delas será recuperar arquivos em foto, vídeo e texto de atos realizados com causa semelhante há 20 anos.

TEXTO **AMANDA LIMA**

**Encontro foi realizado na associação Solim, em Lisboa.**

As associações de imigrantes e representantes da sociedade civil não vão desistir de um encontro com Luís Montenegro. Reunido ontem à tarde, o grupo votou sobre participar ou não de um encontro proposto com secretários de Estado adjuntos no dia 14 de agosto. A decisão, por maioria, foi de comparecer, com a exigência que já esteja marcada uma data para uma audiência com o primeiro-ministro.

Outras várias estratégias foram definidas no encontro das associações, que durou quase três horas, um grupo com 53 entidades, quando no início eram 47. O objetivo é reunir ainda mais apoio. Ficou acordado que é necessário ter a participação de entidades e da sociedade civil portuguesa. Alguns participantes relembraram que nas manifestações de rua realizadas no início dos anos 2000 em prol dos imigrantes houve mobilização de toda a sociedade. Inclusive, outra estratégia definida foi a de reunir arquivos de fotografia, vídeo e texto sobre os atos realizados na altura, como os que ocorreram em frente ao Parlamento e na Avenida António Augusto Aguiar, onde funcionava o antigo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF).

> O grupo, que iniciou os trabalhos com 47 entidades, já conta com 53. O objetivo é procurar apoio da sociedade portuguesa.

O objetivo é mostrar o material para "relembrar a mobilização do povo", porque, segundo os representantes, "é um filme que se repete". Está a ser estudada a possibilidade de criar páginas nas redes sociais para dar visibilidade ao trabalho dos voluntários. Desde o anúncio do fim das manifestações de interesse, no início de julho, as associações reuniram-se para realizar uma série de ações procurando reverter a medida.

Uma das estratégias em cima da mesa é a realização de um ato de rua – que reuniu o apoio dos presentes. O que falta definir é a data, uma vez que já estão programados dois protestos de rua em Lisboa no mês de setembro. Um deles será de apoio a Cláudia Simões, vítima de violência policial e recentemente condenada a oito meses de pena suspensa por um crime de ofensa à integridade física e qualificada. A segunda manifestação é a Casa para Todos, organizada pelo movimento Vida Justa. A data do ato será definida no próximo encontro, em agosto. Na reunião de ontem ficou organizado um grupo de trabalho para dar apoio aos coordenadores. O objetivo é dividir as várias tarefas planeadas.

### Apoio dos partidos

Com o Parlamento encerrado para as férias de verão, o grupo não pensa em pausar as atividades. Sem as portas da Assembleia da República abertas, uma alternativa proposta é tentar reuniões com os partidos políticos, sendo que algumas já aconteceram. "Temos de levar até eles exemplos do que está acontecendo, para se aperceberem das consequências [do fim das manifestações de interesse]", disse Flora Silva, da associação Olho Vivo.

> Uma ação de rua será realizada, mas a data ainda não está acertada. Em setembro já estão marcados outros dois protestos, com causas que envolvem os imigrantes.

O grupo tem em mente que o apoio de todos é importante, com exceção do Chega. Além das ações já detalhadas, a principal esperança das associações está nas votações do Parlamento, seja no decreto de apreciação parlamentar proposto pelo PS ou em outros projetos de lei que venham a discutir a matéria da imigração.

Por fim, as associações recusam que as medidas possam favorecer algumas nacionalidades em detrimento de outras, como deram a entender as declarações de Montenegro em Angola sobre as "portas abertas" para os países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). No encontro de ontem estiveram representantes de comunidades como a bengali, com um gesto de apoio aos protestos de estudantes no Bangladesh contra o fim do sistema de quotas para acesso ao emprego público.

*amanda.lima@dn.pt*

## Questionário de Proust do ChatGPT

Pedimos ao ChatGPT: "Faz-nos um questionário de Proust para podermos publicar no nosso jornal." Só que o que ele nos apresentou era muito semelhante ao original, de Proust. Então dissemos: "Dá-nos um mais divertido." E o resultado foi este.

# Pedro Freitas Poeta da cidade

# "Queres ouvir uma piada picante? Um dia o Joãozinho foi à horta e picou-se"

**Se pudesse ter um qualquer superpoder, qual escolheria e porquê?**
Moldar o tempo aos meus caprichos.

**Qual é o seu filme ou série de TV favorito para assistir numa maratona?**
*Harry Potter*.

**Qual é a comida mais estranha que já experimentou?**
Caracol, que amo, e cobra.

**Se pudesse viajar para qualquer lugar no tempo, para onde e quando iria?**
Para o meu passado.

**Se fosse uma personagem de desenho animado, quem seria?**
Jim Hawkins.

**Qual foi a dança mais embaraçosa que já fez?**
*Harlem shake*.

**Se pudesse trocar de vida com qualquer pessoa por um dia, quem escolheria?**
Benedict Cumberbatch.

**Qual é a música que sempre o faz dançar, não importa onde esteja?**
*King Kunta*, de Kendrick Lamar.

**Se tivesse de viver num filme, qual escolheria e porquê?**
*Interstellar*. Viagens interestelares e ao passado.

**Qual foi o presente mais estranho ou engraçado que já recebeu?**
Um javali bebé, que morreu (era criança e o javali era uma metáfora do CD dos DZRT, que esgotou).

**Se fosse um animal, qual seria e porquê?**
Um cão, porque não há nada melhor do que só ter amor para dar.

**Qual é a sobremesa favorita, que nunca recusaria?**
Bolo de bolacha (caseiro).

**Se pudesse criar um feriado, qual seria e como seria comemorado?**
Feriado do Sono, toda a gente ficava a dormir até mais tarde.

**Qual é o seu *hobby* mais estranho ou incomum?**
Comer frutos vermelhos congelados.

**Se pudesse ter qualquer celebridade como seu melhor amigo, quem escolheria?**
Kendrick Lamar.

**Qual é a piada mais engraçada que conhece?**
Queres ouvir uma piada picante? Um dia o Joãozinho foi à horta e picou-se.

**Se pudesse falar com qualquer animal, qual seria e o que perguntaria?**
A minha cadela. Perguntar-lhe-ia se me amava ou se me via como um meio para um fim (biscoitos).

**Qual é o seu talento oculto, que poucas pessoas conhecem?**
Lembro-me de tudo.

**Se fosse uma cor, qual seria e porquê?**
Talvez branco. Traz serenidade, paz e tranquilidade.

**Qual é a palavra que mais gosta de dizer e porquê?**
Gosto de "articular" bem os meus argumentos.

**Se pudesse inventar qualquer coisa, o que seria?**
Máquina de voltar no tempo.

**Qual é a coisa mais ridícula que já comprou?**
Não sei, mas deve ter sido pelo OLX.

**Se tivesse de comer apenas uma comida para o resto da vida, qual seria?**
Pastéis de massa tenra feitos pela minha avó.

**Qual é a sua memória de infância mais engraçada?**
Um papagaio que estava numa janela sempre a fazer-se aos homens que passavam na rua.

**Se fosse um meme, qual seria?**
O meme do Druski, com as duas mãos levantadas.

**Qual seria o título da sua autobiografia?**
Depende, a ser póstuma seria *A Poesia Viveu*. Comigo ainda vivo talvez *A Poesia Vive*.

**Se pudesse ser uma personagem de videojogo, quem seria?**
Joel, *Last of Us*.

**Qual é o seu trocadilho ou piada favorita?**
Não tenho.

**Se pudesse ser invisível por um dia, o que faria?**
Visitava a Área 51.

**Qual foi a coisa mais inesperada que aprendeu recentemente?**
"Nem tudo é para todos."

# Portugueses trocam Algarve pelo estrangeiro, mas preços e turistas internacionais compensam

**TURISMO** Ocupação está acima dos 90%, com o preço médio por noite a subir 10% face a 2023. Britânicos, franceses, irlandeses e alemães dominam, mas norte-americanos estão a aumentar.

TEXTO **RUTE SIMÃO**

Longe vão os tempos em que o Algarve ocupava a prioridade das preferências dos portugueses na hora de programar as férias de verão. Depois da pandemia, é para fora de portas que o mercado nacional está a rumar durante os meses mais quentes do ano. O quadro, que se tem afirmado desde o ano passado, reflete-se já nas reservas dos hotéis da região, que garantem que a procura do mercado interno continua a arrefecer. "As reservas de portugueses têm estado um pouco abaixo dos anos anteriores. Neste momento, julho e agosto estão um pouco abaixo na procura do mercado nacional. Esta situação deve-se ao aumento da oferta de operações de *charters* internacionais", enquadra o diretor de *marketing* e vendas do Vila Galé, Pedro Ribeiro. A verdade é que os portugueses estão a optar cada vez mais por passar férias fora de portas. Só no primeiro trimestre deste ano as viagens dos residentes no território nacional caíram 10%, revelou, na passada sexta-feira, o Instituto Nacional de Estatística (INE). Por outro lado, as viagens com destino ao estrangeiro cresceram 9,2% entre janeiro e março.

Para o presidente da Região de Turismo do Algarve (RTA) este é um cenário "natural", que resulta da confiança nas viagens internacionais no pós-pandemia. "É natural que os portugueses aproveitem o período maior de férias para visitar destinos mais distantes. O Algarve está logo ali e, portanto, num qualquer fim de semana ou feriado aproveitam para ir lá", explica André Gomes.

As promoções para destinos no estrangeiro têm seduzido o mercado nacional este ano, que, ao fazer contas, tem optado por trocar o Sul de Portugal por outros países. O cenário não representa motivo de ameaça para o líder da RTA. "Reconhecemos que temos muitos destinos concorrentes que são muito mais agressivos nas campanhas que fazem de baixa de preços para poderem atrair mais turistas, mas a nossa aposta não tem sido essa. Não apostamos em políticas agressivas de baixas de preços para captar mais turistas numa altura em que, de facto, as nossas ocupações já estão quase sempre muito perto dos 100%", atesta André Gomes.

O responsável salienta, no entanto, que o Algarve está bem servido de portugueses, que pesam cerca de 30% na atividade da região. Ainda assim, acredita que este número poderá ser superior àquele que é explanado nas estatísticas oficiais. "O INE não contabiliza os Alojamentos Locais (AL) inferiores a 10 camas. Na região do Algarve temos mais de 44 mil registos de AL e não tenho dúvidas de que 80% destes correspondem a unidades com menos de 10 camas. Estamos a falar de um largo número de milhões de turistas, nacionais em particular, que não estão a ser contabilizados. Podemos dizer, de facto, que para as outras regiões o cenário é igual, é verdade. Mas as outras regiões não têm o peso do AL nem da procura que o Algarve tem, nomeadamente na época alta."

### Preços atingem recorde

Do lado dos hoteleiros as projeções para a época alta fazem-se com otimismo até setembro e o abrandamento da procura nacional tem sido compensada pelos principais mercados emissores da região, como os ingleses, franceses, irlandeses, alemães e também pelo crescente interesse dos norte-americanos. Os hotéis estão cheios e as ocupações acima de 90%. "A procura para agosto mantém-se forte e esperamos que aumente nas reservas de última hora. Para setembro registamos, neste momento, uma procura muito forte de todos os segmentos, reforçando o prolongamento da procura de verão para este mês", adianta Helder Marcelino, diretor de negócios em Portugal da Minor Hotels, grupo que detém os hotéis Tivoli.

Os hoteleiros assumem que os preços médios por noite aumentaram este verão entre 5% e 10%. "As tarifas em território nacional continuam a ser atrativas para o mercado externo, uma vez que a capacidade financeira de outros mercados, nomeadamente dos Estados Unidos, entre outros, se destaca no número de noites que despendem no destino. O que, por arrasto, traz valor para outros setores da indústria, como seja a restauração", aponta Inês Junqueira, porta-voz da Amazing Evolution, empresa que gere o hotel White Shell Beach Villas.

A subida dos preços deverá ser menos expressiva em comparação com o ano passado e há uma explicação para este avanço mais modesto. Em 2023 as tarifas deram um salto histórico na região, com o rendimento médio por quarto ocupado (ADR) a atingir, em agosto, o valor mais alto de sempre, fixando-se nos 194,83 euros, segundo os dados do INE. Ou seja, passar uma noite num alojamento turístico da região algarvia custou mais 23% face ao mesmo mês de 2019. Este ano as tarifas continuam a atingir máximos, com o ADR a chegar aos 107,3 euros (+8%) em maio, de acordo com os últimos dados do INE. Embora ainda não haja números oficiais disponíveis para os meses de junho e julho, é possível concluir, para já, que este verão será de novos recordes no capítulo dos preços. O porta-voz do Vila Galé, o segundo maior grupo hoteleiro do país, alerta, no entanto, para um "aumento de custos devido à inflação", o que se poderá refletir "na margem operacional" das unidades.

Ainda assim, os proveitos totais – que somam ao alojamento outros gastos inerentes à estada dos turistas, como restauração, lavandaria, entre outros serviços – das unidades da região cresceram 9,1% até ao quinto mês do ano, totalizando 413 milhões de euros. O Algarve foi a segunda área do país com mais proveitos, ficando apenas atrás da Grande Lisboa. "Os preços têm de acompanhar a qualidade do serviço prestado e, portanto, se há uma aposta da região na valorização dos seus serviços e trabalhadores, também, obviamente, tem de haver uma correspondência com o aumento do preço do serviço", defende o presidente da RTA. Ainda assim, André Gomes reitera que não acredita que exista "margem para a região continuar a ter crescimento de preços como aconteceu nos últimos dois, três anos".

rute.simao@dinheirovivo.pt

**Os ingleses são os principais turistas da região durante os meses de calor.**

ALGARVEPHOTOPRESS / GLOBAL IMAGENS

# Oposição lidera sondagens na Venezuela, mas será que a votação vai ser livre e justa?

**PRESIDENCIAIS** Há 11 anos no poder, Maduro tenta reeleição e avisou para "banho de sangue" se perder. Edmundo González, o seu principal adversário, acredita que mesmo com "truques" do regime a vitória não lhe vai escapar.

TEXTO **SUSANA SALVADOR**

HENRY CHIRINOS/EPA

A oposição venezuelana, unida em torno da candidatura do ex-diplomata Edmundo González, chega às presidenciais de hoje com a esperança de pôr fim a 25 anos de "revolução bolivariana" – primeiro com Hugo Chávez e desde que ele morreu, há 11 anos, com Nicolás Maduro. A oposição surge à frente das sondagens, mas a dúvida é saber se as eleições vão ser livres e justas – em 2018, cerca de 50 países recusaram reconhecer a reeleição do presidente por considerarem que a votação tinha sido uma farsa. Maduro pediu aos eleitores para "pensarem bem" no seu voto e alertou para um "banho de sangue" se perder, o que para muitos foi visto como uma ameaça.

"Pensem bem, pela vossa família, os vossos empreendimentos, o vosso comércio, a vossa empresa, o vosso trabalho, quem dos 10 candidatos garante a paz e a estabilidade da Venezuela", afirmou o presidente no comício de final de campanha, em Caracas. "Estou preparado para uma grande vitória e sei que o nosso povo vai voltar a dá-la. Não puderam connosco e não poderão nunca, e no domingo vamos demonstrá-lo aos fascistas, ao imperialismo", referiu.

Para Maduro, estas eleições vão decidir se na Venezuela "haverá pátria" ou se o país se vai converter numa nova "colónia". Vão decidir se "haverá paz" ou se "vai acabar a tranquilidade", com o presidente a colocar-se como garante da estabilidade diante dos 21 milhões de eleitores. Para o vice-presidente do Partido Socialista Unido da Venezuela (PSUV), Diosdado Cabello, é claro que a oposição "nunca" irá governar o país. "Isso nunca irá acontecer. Tenham a certeza de que é assim", disse aos jornalistas.

> Para Nicolás Maduro, estas eleições vão decidir se "haverá paz" ou se "vai acabar a tranquilidade", com o presidente a colocar-se como garante da estabilidade diante dos 21 milhões de eleitores.

Nos últimos 11 anos, Maduro tem procurado manter o legado de Chávez – a eleição decorre no dia em que o falecido presidente faria 70 anos. Mas com o ex-chefe da diplomacia e antigo vice-presidente no poder a Venezuela mergulhou numa crise económica e social, de hiperinflação e escassez de alimentos, medicamentos e outros produtos básicos, levando 7,7 milhões de venezuelanos (22% dos 34 milhões de habitantes) a sair do país. E muitos mais admitem seguir o mesmo caminho caso Maduro seja reeleito este domingo.

Apesar de ter as maiores reservas de petróleo do mundo (estimadas em 300 mil milhões de barris), as sanções norte-americanas ao setor, aprovadas para pressionar o regime, fizeram cair a produção (de um pico de 3,5 milhões de barris diários chegou a estar só nos 400 mil barris). Sendo o petróleo a base da economia venezuelana durante os governos de Chávez (quando o "ouro negro" estava em alta nos mercados), Maduro culpou o "imperialismo" pela crise. Mas esta já vinha de antes das sanções – tinha começado mesmo ainda quando *El Comandante* estava no poder.

As sanções não tiveram quaisquer efeitos no Executivo, que prosseguiu ao longo dos anos o desmantelamento das instituições democráticas – assumindo o controlo da Assembleia Nacional, da Comissão Nacional Eleitoral, do Poder Judiciário e a liderança militar – e a repressão. A Venezuela está a ser investigada pelo Tribunal Penal Internacional por crimes contra a humanidade nos protestos de 2017.

### NICOLÁS MADURO
### O herdeiro de Hugo Chávez

Ex-chefe da diplomacia e vice-presidente de Hugo Chávez, Nicolás Maduro assumiu a presidência da Venezuela após a morte de *"El Comandante"* em março de 2013. Tinha sido nomeado por ele como seu sucessor, numa altura em que Chávez já estava doente. Concorre a um terceiro mandato, depois de ter sido eleito em abril de 2013 e reeleito em 2018, em eleições consideradas não democráticas por mais de 50 países e boicotadas pela oposição, alvo de repressão. O ex-motorista de autocarros e dirigente sindical, de 61 anos, é casado com a "primeira combatente" Cilia Flores.

**A hora da oposição?**

As eleições de hoje representam o maior desafio para o PSUV, no poder desde 1999. As sondagens, cuja credibilidade é questionada por um ou outro lado, consoante as previsões de resultados, colocam a Plataforma Unitária Democrática (PUD), de González, com cerca de 60% das intenções de voto. Maduro não vai além dos 30 pontos nas estimativas mais positivas. Outros oito candidatos, que também estão no boletim de voto, têm percentagens residuais.

Depois de ter boicotado as eleições de 2018, a oposição procurou desta vez unir-se em torno de uma única candidatura. A vencedora das primárias da PUD foi a veterana María Corina Machado, mas a ex-deputada do Vamos Venezuela, de origem portuguesa,

RONALD PENA R./EPA

foi proibida de participar nas eleições após uma condenação por alegada fraude. Impedida de se inscrever oficialmente na corrida, optou por apoiar o ex-embaixador, de 74 anos, que tinha conseguido passar as barreiras do governo e já tinha lugar no boletim de voto. Apesar de o candidato ser González, Corina Machado foi a grande movimentadora de multidões durante a campanha.

A oposição comprometeu-se a trabalhar para a "democratização" da Venezuela, com González e Corina Machado, além de todos os partidos que fazem parte da PUD, a assinarem o documento denominado *O Espírito do 28 de Julho*. Este diz que o "triunfo" nas eleições deste domingo "abrirá as portas a um período de democratização que exigirá virtudes pessoais e cívicas", pelo que vão procurar "forjar um clima anímico, político e social que o facilite e que contribua para o bem comum".

A oposição manifestou o seu compromisso com a "recuperação" da liberdade de expressão, de pensamento, de movimento, de investir e de "viver sem o medo da perseguição", assim como a promoção de uma "unidade firme e duradoura que representa fielmente os desejos de democracia e prosperidade" e de "uma dinâmica política de acordos que fortaleçam" a democracia.

"Depois de este longo período de destruição, é preciso que todos os cidadãos entendam que a tarefa é hoje, aqui e agora, que há que trabalhar arduamente e colocarmo-nos ao serviço da construção do país que merecemos. Não é para um futuro distante e impreciso, é para agora", acrescentaram no documento

Na cerimónia de assinatura do texto, Corina Machado disse aos jornalistas que "nunca o regime esteve tão débil como está agora", confiante de que o presidente saberá que "é do seu próprio interesse facilitar um processo de transição ordenada". O presidente brasileiro, Lula da Silva, mostrou-se preocupado com o aviso de "banho de sangue", alegando que "Maduro tem de perceber que se ganhas, ficas, se perdes, sais".

Já González mostrou-se convencido de que vai ganhar e de que será o próximo presidente. "Todas as pesquisas de opinião que conhecemos dão-nos uma vitória cómoda e ampla. Nem que façam alguns truques vão conseguir colmatar a lacuna que existe entre a nossa candidatura e a candidatura oficial. Não é possível que nos tirem este triunfo", defendeu.

susana.f.salvador@dn.pt

### EDMUNDO GONZÁLEZ
## O ex-diplomata desconhecido

María Corina Machado *(também na foto)* venceu as primárias da oposição, mas foi impedida de concorrer às eleições por alegada fraude. A oposição da Plataforma Unitária Democrática acabou por unir-se em torno da candidatura do antigo diplomata Edmundo González, de 74 anos, que era praticamente desconhecido e conseguiu passar no crivo das autoridades eleitorais. Foi embaixador na Argélia e na Argentina (neste último país já durante a presidência de Hugo Chávez) e defende uma "transição democrática pacífica". É casado, tem dois filhos e quatro netos.

# Bugalho "magoado, ofendido e preocupado" após ser impedido de entrar no país

**CASO** Eurodeputado português integrava uma delegação do PPE e do PP espanhol. Governo não se pronunciou.

O eurodeputado português eleito pela Aliança Democrática Sebastião Bugalho, que fazia parte de um grupo de observadores do Partido Popular Europeu (PPE) convidado pela oposição venezuelana a seguir no terreno as eleições, foi impedido de entrar na Venezuela e metido no primeiro avião de volta a Madrid. Outra delegação, que incluía ex-presidentes latino-americanos, também não entrou no país.

"Como português, estou magoado, ofendido, preocupado com o que possa acontecer na Venezuela. Porque eu, como eurodeputado português, tenho que defender a democracia, os direitos humanos e eleições livres e transparentes. Que país livre e transparente expulsa visitantes antes das eleições? Nenhum", disse à imprensa espanhola à chegada a Madrid.

"O impedimento da entrada dessa comitiva no país, quando se tratava de uma visita realizada no quadro de um convite de forças políticas na oposição – mesmo que coincidindo com a realização de um ato eleitoral –, é condenável, lamentável e merecedor de repúdio público", lê-se num comunicado da delegação portuguesa do PSD em Bruxelas. O governo não se pronunciou sobre o tema.

Bugalho acompanhava uma delegação de deputados, senadores e eurodeputados do PP espanhol. "Observámos uma ditadura que apodrece e cai", disse o eurodeputado Esteban González Pons, que já em 2019 tinha sido impedido de entrar. Na altura viajava a convite do líder da oposição, Juan Guaidó. Paulo Rangel, então eurodeputado e atual chefe da diplomacia, fazia parte da delegação, mas perdeu o avião em Madrid.

González Pons alegou que o grupo viajava como "acompanhantes eleitorais" e não como "observadores eleitorais". Estes últimos, segundo a lei venezuelana, têm de ser reconhecidos pelas autoridades eleitorais. Caracas retirou o convite a uma missão oficial da União Europeia pelo não levantamento das sanções contra a Venezuela e rejeitou a do Senado espanhol.

Em Espanha, o PP aproveitou para usar esta situação para atacar o governo socialista de Pedro Sánchez – que só enviou o cônsul-geral ao aeroporto. González Pons acusou o Executivo de "partilhar o discurso dos chavistas" e atacou o ex-primeiro-ministro José Luis Zapatero, um dos observadores convidados por Maduro. Considerou "tremendamente grave" que "se preste a dar aparência democrática a algo que a não tem". **S.S.**

DR/X

**Uma imagem de um vídeo partilhado nas redes sociais.**

JALAA MAREY / AFP

Equipas médicas transportam vítimas do ataque que atingiu um campo de futebol.

# Israel: "Hezbollah cruzou todas as linhas vermelhas"

**GUERRA** Ataque com *rocket* desde o Líbano matou 11 pessoas em Majdal Shams, nos Montes Golã. Grupo xiita negou responsabilidade.

TEXTO **SUSANA SALVADOR**

O chefe da diplomacia israelita, Israel Katz, disse ontem que "o Hezbollah cruzou todas as linhas vermelhas" e alertou para a "guerra total" com o grupo xiita libanês. Katz falava ao Canal 13 israelita depois de um *rocket* ter atingido um campo de futebol e matado pelo menos 11 crianças e jovens com idades entre os 10 e os 20 anos em Majdal Shams, nos Montes Golã ocupados. O exército israelita apontou o dedo ao Hezbollah, mas o grupo negou a responsabilidade.

O ataque na localidade drusa, que causou ainda mais de três dezenas de feridos, surgiu depois de Israel ter bombardeado uma alegada célula militar do Hezbollah em Kfarkila, no Sul do Líbano, matando pelo menos quatro militantes de vários grupos armados. O grupo xiita libanês reivindicou a autoria de pelo menos quatro ataques retaliatórios, mas o seu representante para os *media*, Mohammad Afif, negou à Reuters a responsabilidade pelo de Majdal Shams.

Esta é uma de quatro localidades nos Montes Golã ocupados onde vivem cerca de 25 mil drusos. Quando Israel anexou o território da Síria, em 1981, ofereceu a cidadania aos habitantes, que recusaram e por isso não podem votar. O líder espiritual dos drusos em Israel, Muafak Tarif, condenou este "ataque brutal e assassino". Em comunicado, citado pelo *Times of Israel*, acrescentou: "Um país adequado não pode permitir-se prejudicar continuamente os seus cidadãos e residentes. Esta é a realidade que perdura há nove meses nas comunidades do Norte. Esta noite ultrapassou todos os limites."

Israel e Hezbollah têm trocado tiros quase diários desde o início da guerra em Gaza, após o ataque terrorista do Hamas de 7 de outubro que fez cerca de 1200 mortos. O Hezbollah diz estar a apoiar os palestinianos, obrigando os israelitas a dividir a sua atenção. Contudo, os dois lados têm evitado uma declaração de guerra – a última foi em 2006. Este foi o ataque mais grave contra Israel vindo do Líbano nos últimos nove meses.

> Na Faixa de Gaza um novo ataque israelita a uma escola fez pelo menos 30 mortos. Borrell apela a "solução política" para acabar com "loucura".

**30 mortos na Faixa de Gaza**

Na outra frente do conflito, o número de mortos continua a subir na Faixa de Gaza. Um novo ataque a uma escola no enclave palestiniano, desta vez em Deir Al Balah, fez pelo menos 30 mortos e mais de 100 feridos, segundo as contas do Ministério da Saúde controlado pelo Hamas.

As Forças de Defesa de Israel alegaram que um centro de comando do grupo terrorista estava instalado no local, que era usado para armazenar armas e para planear ataques. No entanto, o vídeo do alegado ataque mostra que as vítimas eram civis e muitas delas crianças.

O chefe da diplomacia europeia, Josep Borrell, apelou a uma "solução política" para acabar com a "loucura" na Faixa de Gaza. "O cessar-fogo tem de acontecer agora. A lei humanitária internacional tem que ser respeitada. A assistência humanitária a civis tem que ser entregue em grande escala", disse no Twitter.

*susana.f.salvador@dn.pt*

# Puigdemont confirma regresso à Catalunha

**ESPANHA** Ex-líder catalão alertou para a "ameaça real" de Illa e disse que não haverá mais campanhas no exílio.

O líder do Junts per Catalunya, Carles Puigdemont confirmou ontem que vai regressar à Catalunha para o debate de investidura do próximo presidente do governo catalão. A sessão está prevista para a segunda quinzena de agosto e Puigdemont alertou, entretanto, para a "ameaça real" de que haja um governo "presidido pela versão mais 'espanholista'" dos socialistas catalães, Salvador Illa.

"A minha obrigação é ir ao Parlamento se houver um debate de investidura. Vou lá estar. Comprometi-me a fazê-lo e fá-lo-ei e ninguém me poderá impedir", disse Puigdemont em Amélie-les-Bains-Palalda, no quarto aniversário da fundação do Junts. "Não haverá mais campanhas eleitorais no exílio. A próxima será lá e eu estarei lá doa a quem doer. O exílio vai acabar", acrescentou o ex-presidente da Generalitat, que fugiu à justiça espanhola há quase sete anos, por causa do processo independentista, e conta beneficiar da amnistia.

O partido de Puigdemont foi segundo nas eleições catalãs, atrás dos socialistas. Sem maioria absoluta de nenhum bloco, Illa está a negociar o apoio da Esquerda Republicana da Catalunha (ERC), atualmente no poder na região. O acordo terá de ficar terminado até ao final do mês, já que a ERC quer consultar as bases. E é nelas que Puigdemont está a pensar com os seus alertas, tentando impedir que os militantes deem luz verde ao eventual acordo e obriguem a nova ida às urnas. **S.S.**

# Orbán critica esquecimento da UE e apoia Trump

**HUNGRIA** Primeiro-ministro alega que "Europa desistiu de defender os seus próprios interesses".

O primeiro-ministro húngaro, Viktor Orbán, disse ontem que a União Europeia (UE) está a cair no esquecimento, num discurso com conotação antiocidental em que alertou para uma nova "ordem mundial" e declarou o seu apoio a Donald Trump.

"A Europa desistiu de defender os seus próprios interesses", disse o nacionalista em Baile Tusnad, uma cidade de maioria étnica húngara no centro da Roménia. "Tudo o que a Europa faz hoje é seguir incondicionalmente a política externa pró-democrata dos EUA, mesmo à custa da autodestruição", declarou.

"Está a chegar uma mudança que não se via há 500 anos. O que enfrentamos é uma mudança na ordem mundial", acrescentou, citando China, Índia, Paquistão e Indonésia como o futuro "centro dominante" do mundo.

A Hungria detém atualmente a presidência rotativa da UE, tendo Orbán feito um voto de "tornar a Europa grande novamente". Além disso, apoiou abertamente a candidatura do antigo chefe de Estado norte-americano Donald Trump – que já visitou duas vezes este ano.

Orbán defende que Trump quer "retirar o povo norte-americano de um Estado liberal pós-nacionalista para um Estado-nação". É por isso, alega, "que o querem colocar na prisão. É por isso que querem tirar-lhe os bens. E se isso não funcionar, vão querer matá-lo". **DN/LUSA**

Análise
Germano Almeida

# E, de repente, quase tudo mudou

Há um mês e um dia, a 27 de junho, Joe Biden teve o momento-desastre no debate de Atlanta. A sua candidatura entrou em modo emergência, os democratas entraram em pânico.

Duas semanas e meia depois, a 13 de julho, Donald Trump foi o primeiro candidato presidencial americano em meio século a ser atingido a tiro. Oito dias depois, a 21 de julho, Joe Biden desistiu.

Faltam exatamente 100 dias para a eleição presidencial norte-americana. Na manhã do domingo em que Joe Biden desistiu, Donald Trump tinha 90% de hipóteses de ser eleito. Terminou esse dia com 65%, depois de Kamala ser endossado pelo presidente para herdar a sua estrutura de campanha. Neste momento, terá 55% de probabilidades de ganhar. Em menos de uma semana, Kamala Harris passou do n.º 2 do *ticket* para 45% de hipóteses de ser a próxima presidente dos Estados Unidos.

**De repente, quase tudo mudou**

A campanha de Kamala Harris prepara-se para atacar Donald Trump pela idade avançada (78 anos, 19 mais do que a democrata) e a sua condição física. Em caso de vitória em novembro, Trump teria 82 anos no final do mandato. Demasiado velho para ser presidente, certo?

As sentenças, feitas há dias, sobre um triunfo antecipado de Donald Trump envelheceram muito mal. A corrida está relançada.

O machismo e a misoginia de Trump e Vance passaram a ser potencialmente tóxicos para os eleitores independentes e moderados, que na rampa deslizante de Biden ainda candidato pareciam tentados a virar-se para o campo republicano.

Dezasseis anos depois da eleição de Barack Obama, como é possível que a raça ainda possa ser um tema para a próxima candidata presidencial nos EUA? Nalguns casos até de forma ainda mais acentuada? Será o arco da História a andar para trás?

Kamala começou muito bem: forte nos comícios, com mensagem focada, bem construída e bem entregue, a gerar entusiasmo e a mobilizar a base democrata.

Chega para ganhar? Claro que não. Mas era condição necessária para reativar a esperança dos democratas.

**Entre a herança Biden e o passo em frente**

Joe Biden foi um dos melhores presidentes americanos do último meio século (possivelmente o melhor do século XXI). Kamala Harris fará a sua campanha sustentada nisso. Donald Trump foi o pior presidente americano desde Herbert Hoover. No fim do dia, para lá da berraria diária, isso vai contar muito a 5 de novembro.

A pergunta decisiva aos eleitores, a fazer várias vezes pela campanha Harris, sobretudo nos dias finais, no caso (provável) de esta corrida se manter apertada até ao fim, é a seguinte – pensem bem: querem mesmo voltar a ter Donald Trump, o incitador do 6 de janeiro de 2021, na Casa Branca?

E aos independentes e moderados, a imensa minoria silenciosa que não caiu na hiperpolarização e prefere manter o bom senso nas coisas fundamentais, vale a pena repetir, caso se mantenham a colocar a possibilidade de preferir Trump: qual é a parte do 6 de janeiro de 2021 que ainda não perceberam?

Kamala Harris estará a pesar tudo isto. Está a saber herdar o essencial da Administração Biden (e isso chega para segurar a parte democrata), está a focar a mensagem nos perigos de um eventual regresso Trump e está a fazer mais: não se fica pela definição abstrata dessa ameaça e arrancou a sua campanha a marcar a oposição entre ela, procuradora e defensora da lei, e Trump, o "predador de mulheres, aldrabão e criminoso condenado".

Mais uma vez: ajuda a energizar a base, mas talvez não seja suficiente para ganhar nos Estados decisivos.

Mas Kamala estará também pronta a dar um passo em frente. Na questão do Médio Oriente, por exemplo, acompanha a posição do presidente Biden de defender a segurança de Israel, empenha-se na concretização de um cessar-fogo que leve ao fim da guerra e à libertação dos reféns, mas carrega mais do que Biden na necessidade de olhar para o sofrimento em Gaza.

Tenta, desta forma, reconciliar-se com a esquerda do Partido Democrata, que é mais pró-Palestina e critica Biden neste tema – mas, ao mesmo tempo, pode estar a preparar-se para escolher Josh Shapiro, o competente governador da Pensilvânia, um judeu crítico do governo de Netanyahu, o que poderá contrabalançar.

**Ataque ainda mais cerrado a Trump**

Mas o fulcro da estratégia Kamala nestes primeiros dias foi mesmo um ataque cerrado a Donald Trump, com mensagens claras, que Joe Biden, na parte final, já não estava em condições de conseguir passar.

Quais são elas? 1) Trump é um idoso de 78 anos com registo criminal; 2) Trump está associado ao Projeto 2025, da Heritage Foundation, uma espécie de guião ultraconservador para tomar conta do Estado; 3) quando Trump não está a mentir, está a fazer ameaças; 4) para Trump, uma lei federal a proibir o aborto é boa, a possibilidade de votar por correspondência é má; 5) elogia ditadores porque gostava de ser um deles; 6) ele está claramente preocupado com o facto de ter escolhido J.D. Vance para vice; 7) Trump é velho e… "um bocado esquisito"; 8) este tipo não devia voltar a ser presidente.

**Wisconsin, Michigan, Pensilvânia, Geórgia**

São estes quatro Estados que vão decidir a próxima eleição presidencial norte-americana.

Apesar de a estratégia democrata ainda englobar o Arizona e o Nevada, a força que Trump aparenta manter no eleitorado latino parece garantir-lhe uma vitória mais que provável nesses dois Estados. A menos que Kamala escolha o senador Mark Kelly como vice-presidente (o que pode relançar as esperanças democratas no Arizona), Trump mantém-se com avanço significativo nesse Estado, que foi 28 anos seguidos dos republicanos, mas onde Biden bateu Trump em 2020.

O mais provável, porém, é que Harris opte por Shapiro e, assim, aumente as suas esperanças de ganhar a Pensilvânia, Estado onde já surge empatada com Trump nas últimas sondagens.

No Michigan, Trump chegou a ter sete pontos de vantagem sobre Biden e agora o duelo com Kamala está também empatado. No Wisconsin, Donald tem um ponto de vantagem (sondagem Fox News), mas já chegou a ter seis sobre Biden.

Quanto à Geórgia, Estado que era solidamente republicano, mas onde Biden ganhou a Trump em 2020 por 11.800 votos (0.23%), a recuperação espetacular de Kamala nos últimos dias fez com que também esteja no lote restrito dos Estados que irão decidir. Antes de ter o estatuto de candidata, Kamala perdia por 10 pontos para Trump na Geórgia (47-37), agora está apenas a dois.

**O caos político americano faz inveja à China**

Michael Schuman tem toda a razão ao assinar, na *The Atlantic*, um artigo com o título "O caos político na América é invejável quando se vive numa autocracia", notando que os *social media* chineses estão fascinados com a decisão de Joe Biden, o poderoso presidente dos EUA, de se afastar voluntariamente da corrida à sua sucessão a tão pouco tempo da reta da meta. "A democracia americana pode ser estridente, imprevisível e até caótica – como evidenciado pela decisão de Biden de retirar a sua candidatura à presidência, lançando em tumulto um ano eleitoral já volátil. Por isso poderá surpreender os americanos saber que os observadores da autocracia repressiva da China encontram em tudo isto algo de invejar. O facto de candidatos desadequados poderem retirar-se das eleições mostra que o sistema democrático americano ainda é vibrante", escreveu um comentador na plataforma de comunicação social chinesa Weibo. A decisão do presidente "mostra que a sua honra e desgraça pessoais são secundárias em relação ao futuro dos EUA". Outro escreveu que, "independentemente dos resultados finais das eleições, o mecanismo de autocorreção do país ainda existe, o que é bom".

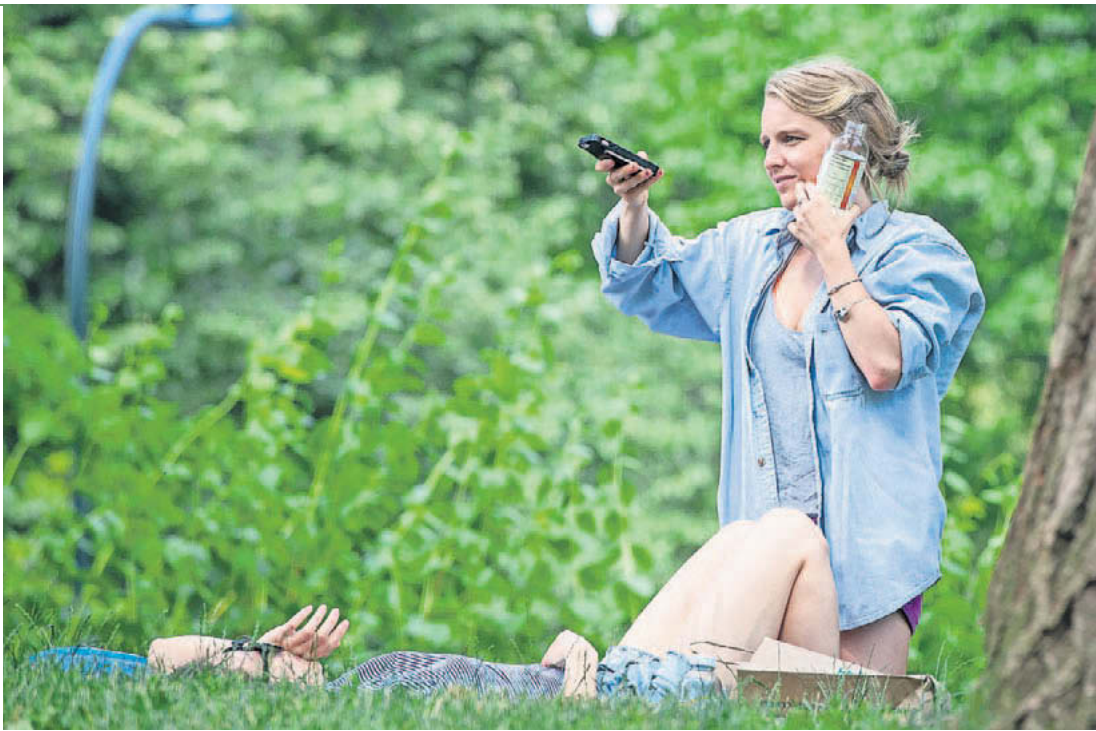
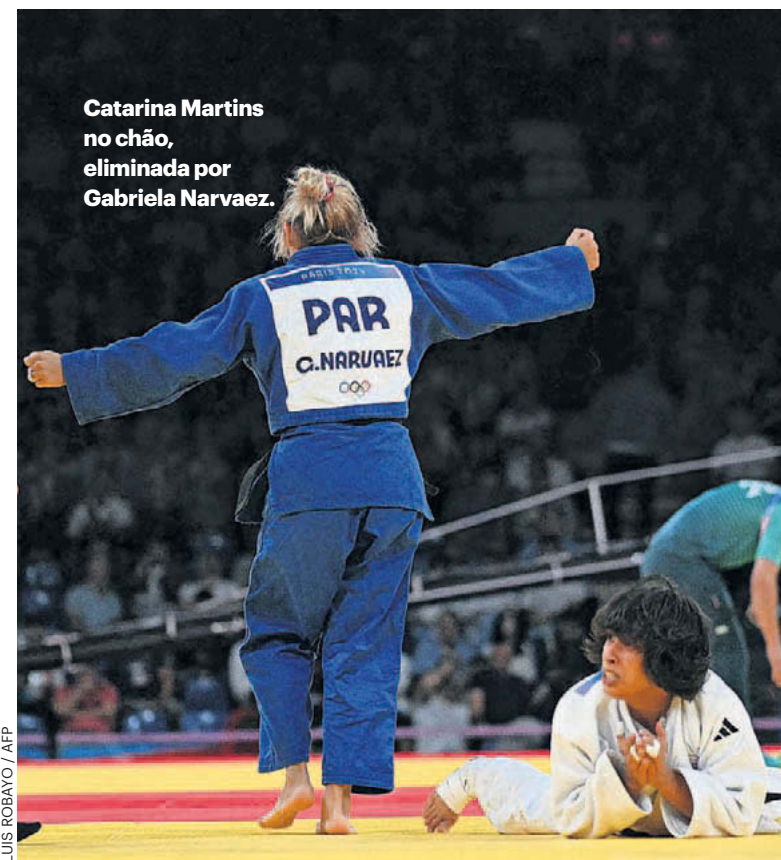
*Especialista em política internacional.*

# Teremos sempre Nova Iorque

FOTOGRAFIA **REINALDO RODRIGUES / GLOBAL IMAGENS**

“Espera, espera, também há isto?”, lê-se no cartaz da foto em baixo, que sintetiza esta coleção de momentos captados em Manhattan, Nova Iorque. Instantâneos do quotidiano da “cidade que nunca dorme” de especial relevância numa altura em que os EUA parecem – vistos de fora – em permanente convulsão, no complicado processo eleitoral em que se encontram. Mas lá dentro, a vida continua, com uma enorme esperança no amanhã, sustentada na liberdade individual e no espírito empreendedor, as ferramentas que construíram a América.

JESUS IS SAVIOR
JESUS
JESUS

NAKED

Catarina Martins no chão, eliminada por Gabriela Narvaez.

LUIS ROBAYO / AFP

Nelson Oliveira repetiu o sétimo lugar do Rio2016 e obteve um diploma.

EMMANUEL DUNAND / AFP

# Em dia de desilusão no judo, Nelson Oliveira garantiu o primeiro diploma

**PARIS2024** Judoca Catarina Costa caiu na segunda ronda perante uma paraguaia desconhecida. No contrarrelógio, o veterano ciclista português foi sétimo na prova que deu o ouro a Evenepoel.

TEXTO **NUNO FERNANDES**

O que à partida parecia poder ser um bom dia de estreia para Portugal em Paris2024, com a entrada em cena de dois candidatos a medalhas, acabou por não ser. A prova do *skatter* Gustavo Ribeiro foi adiada para amanhã devido à chuva e Catarina Costa desiludiu no *tatami*, eliminada logo à segunda ronda diante de um judoca desconhecida. O sétimo lugar do ciclista Nelson Oliveira na prova de contrarrelógio, com direito a diploma, tornou o dia menos agridoce.

A judoca Catarina Costa, sobre quem recaíam esperanças numa medalha, não só por na sua categoria ser a número sete do Mundo, mas também porque em Tóquio2020 ficou perto do pódio, caiu ontem de forma inesperada à segunda ronda diante da paraguaia Gabriela Narvaez, 60.º do mundo e antepenúltima entre as 31 inscritas na categoria mais leve do judo feminino (-48 kg).

"Fiz todo o trabalho que era para ter feito até aqui, fiz treinos muito duros e toda a preparação como devia ter sido, mesmo com os obstáculos que foram surgindo, como as lesões. Claro que fica um grande amargo de boca, porque trabalhei para voos maiores e, infelizmente, termino por aqui a competição", desabafou a judoca, que na primeira ronda venceu a alemã Katharina Menz (25.ª).

A judoca portuguesa, por incapacidade e um inesperado bloqueio, mas também perante argumentos da adversária, não conseguiu ser superior à paraguaia e o combate arrastou-se até ao ponto de ouro. E ficou decidido depois de Gabriela Narvaez projetar para *ippon* com uma pega superior após 1.20 minutos de *golden score* (5.20 no total), deixando Catarina por instantes deitada no *tatami*, a realizar, com os olhos lágrimas nos olhos, o fim deste sonho olímpico.

Não escondendo a tristeza, revelou ainda que, para já, pretende continuar com a alta competição, que lhe dá muito prazer. "Vão ser quatro anos, é sempre um apuramento duro, mas conto fazer pelo menos mais um ciclo, fazer mais competições. Agora, quero estar com a minha família, que me veio aqui apoiar, abraçá-los, é o que mais quero agora", concluiu.

**Nelson Oliveira com diploma**

Numa prova que contava com grandes nomes do ciclismo mundial e a presença de dois portugueses, o contrarrelógio olímpico terminou com Nelson Oliveira a repetir o sétimo lugar do crono do Rio2016, obtendo assim o primeiro diploma para a comitiva portuguesa – Rui Costa foi 25.º. Um bom resultado do veterano ciclista de 35 anos, que em 2015 chegou a vencer uma etapa da Volta a Espanha. O contrarrelógio, sem surpresas, acabou com o belga Remco Evenepoel a conquistar o ouro, ele que dias antes tinha dito que o circuito era "uma merda" – o italiano Filippo Ganna ficou com a prata e Wout van Aert com o bronze.

"Era importante não correr demasiados riscos, pois podíamos perder tudo, e felizmente cheguei à meta são e salvo e consegui o meu objetivo, que era levar para casa um diploma olímpico", disse no final Nelson Oliveira. "Sabia que as medalhas eram bastante complicadas, mas impossível não eram. Mas o diploma olímpico sabia que estava ao meu alcance. O sonho é sempre uma medalha, não é? Mas sabemos que há que ser realistas e há que pensar que há outros melhores", acrescentou.

Além da prova de skate onde Gustavo Ribeiro ia participar, que ficou adiada para amanhã, a chuva que caiu em Paris impediu também ontem o tenista Nuno Borges de se estrear. Assim, o português que há uma semana conquistou o torneio de Bastad ao vencer na final Rafael Nadal, só deverá entrar hoje em cena em singulares diante do argentino Mariano Navone, não havendo ainda data para o jogo de pares (forma dupla com Francisco Cabral) frente aos irmãos Tsisipas.

Também ontem o cavaleiro Manuel Grave estreou-se com um modesto 59.º lugar na prova de *dressage* do concurso completo de equestre, ao concluir com 40,70 pontos de penalização.

Finalmente, Jieni Shao, no ténis de mesa, venceu a luxemburguesa Sarah de Nutte por 4-2, num jogo que durou menos de uma hora. Segue-se agora a vencedora do encontro entre a austríaca Sofia Polcanova ou a mexicana Arantxa Cossio Aceves.

### PORTUGUESES HOJE EM AÇÃO

10.43 – João Costa (100 metros costas masculinos – 1.ª eliminatória)
11.15 – Fu Yu (Ténis de mesa – 1.ª ronda singulares femininos)
12.22 – Manuel Grave (Equitação – *cross country*)
13.10 – Raquel Queirós (BTT *cross country* feminino)
13.50 – Filipa Martins (Ginástica artística *all around* e aparelhos femininos)
14.00 – Nuno Borges (Ténis – 1.ª ronda em singulares)
18.00 – Nuno Borges / Francisco Cabral (Ténis – 1.ª ronda em pares)
18.00 – Teresa Bonvalot (*Surf* – 2.ª ronda)
18.00 – Yolanda Hopkins (*Surf* – 2.ª ronda)
21.00 – Tiago Apolónia (Ténis de mesa – 1.ª ronda singulares masculinos)

# Mesmo derrotada, mesatenista cumpre "sonho" aos 58 anos

**MARCA** Apesar da idade, a atleta não é a desportista mais velha em Paris. E não exclui estar nos próximos Jogos, em Los Angeles 2028.

TEXTO **RUI MIGUEL GODINHO**

Foi um "sonho que se tornou realidade", mas a estreia ontem de Zeng Zhiying teve um sabor agridoce. Aos 58 anos, a mesatenista que compete pelo Chile sofreu uma derrota naquela que foi a sua primeira participação em Jogos Olímpicos.

Nascida na China, chegou mesmo a competir pelo país enquanto jovem jogadora. No entanto, retirou-se aos 20 anos e mudou-se para o Chile, onde viveu nos últimos 35 anos. E só graças à pandemia de covid-19 voltou a pegar numa raquete de ténis de mesa. Começando por competir de forma amadora, rapidamente subiu no *ranking* sul-americano e em 2023 conquistou um terceiro lugar nos jogos pan-americanos.

A primeira participação em Jogos Olímpicos acabou ontem, no entanto, com uma derrota por 4--1 contra a libanesa Mariana Sahakian (ela própria já com 46 anos) logo na ronda preliminar. O jogo entre as duas veteranas, diz a AFP, "decorreu a um ritmo visivelmente mais calmo". A atleta ainda venceu o primeiro jogo de serviço, mas depois perdeu o controlo da partida e Sahakian acabou por assumir o controlo da partida, vencendo-a depois.

JUNG YEON-JE / AFP

Zeng Zhiying diz que vai competir "até o corpo dizer para parar".

Com casa cheia e um grupo de adeptos chilenos presentes, Zeng classificou a experiência como sendo gratificante. "Depois de 30 anos, voltei ao ténis de mesa e agora pude jogar nos Jogos Olímpicos – o meu sonho tornou-se realidade", acrescentou. O caminho para Paris, disse, só se conseguiu dando o "melhor em todas as competições".

Natural da cidade de Guangzhou, Zeng começou a jogar ténis de mesa muito cedo por influência da mãe, que era treinadora de ténis de mesa. Antes dos Jogos Olímpicos de 1988 (Seul, Coreia do Sul), já se tinha retirado das competições. Mudar-se-ia depois para o Chile, onde viria a adotar, de maneira formal, o nome de Tania.

Voltando a competir agora, recusa-se a fechar a porta a uma próxima participação olímpica. Apesar de ser "um pouco difícil", a mesatenista garantiu que vai continuar a jogar "até o corpo dizer para parar". Quando os próximos Jogos Olímpicos acontecerem, em Los Angeles, a atleta terá 62 anos.

Apesar da idade, Zeng não é a atleta mais velha em competição. Esse título pertence a outra mesatenista: Ni Xialian, que tem 61 anos. Tal como Zeng Zhiying, nasceu na China mas representa o Luxemburgo desde 1991 e já competiu em vários Jogos Olímpicos.

*rui.godinho@dn.pt*

## *TOP* 10 DE MEDALHAS

| País | Total | Ouro | Prata | Bronze |
|---|---|---|---|---|
| 1.º Austrália | 5 | 3 | 2 | 0 |
| 2.º China | 3 | 2 | 0 | 1 |
| 3.º Estados Unidos | 5 | 1 | 2 | 1 |
| 4.º França | 4 | 1 | 2 | 1 |
| 5.º Bélgica | 2 | 1 | 0 | 1 |
| 5.º Japão | 2 | 1 | 0 | 1 |
| 5.º Cazaquistão | 2 | 1 | 0 | 1 |
| 8.º Alemanha | 1 | 1 | 0 | 0 |
| 8.º Hong Kong | 1 | 1 | 0 | 0 |
| 10.º Itália | 3 | 0 | 1 | 2 |

## Treinador de boxe de Samoa morre

O treinador da seleção de boxe da Samoa, Lionel Elika Fatupaito, morreu ontem, aos 60 anos, após sofrer um ataque cardíaco na Aldeia Olímpica, onde estão instaladas as comitivas, revelou o Ministério Público de Bobigny. Segundo uma fonte da polícia francesa, o técnico estava no seu quarto com um atleta quando se sentiu mal. Apesar de socorrido rapidamente pelos bombeiros e serviços de urgência locais, faleceu "de causas naturais", segundo o Ministério Público. "A dedicação e a paixão de Lionel pelo desporto deixaram uma marca indelével na comunidade do boxe [...]. O seu legado continuará a inspirar as gerações futuras", escreveu a Associação Internacional de Boxe (IBA) no *site* oficial.

CARL DE SOUZA / AFP

## Sevens dão primeiro ouro a França

A França conquistou ontem o primeiro ouro em Paris 2024 com o título olímpico de Sevens, ao bater a bicampeã em título Fidji de forma clara, por 28-7. As Fiji eram favoritas e até entraram a ganhar, mas acabaram derrotadas, com os gauleses a colocarem termo a uma série de 17 vitórias consecutivas do adversário.

MIGUEL MEDINA / AFP

## Nadal e Alcaraz vencem

A dupla espanhola Rafael Nadal e Carlos Alcaraz apurou-se para a segunda ronda do torneio de pares, ao derrotar os argentinos Maximo Gonzalez e Andres Molteni, em apenas dois *sets*. Na próxima ronda, vão ter pela frente os vencedores do duelo entre os neerlandeses Tallon Griekspoor e Wesley Koolhof e os húngaros Marton Fucsovics e Fabian Marozsan.

# Leão deu boa música com acordes de Quenda

**TROFÉU CINCO VIOLINOS** Sporting não deu hipóteses ao Athletic Bilbao, tendo ganho por 3-0 na noite da primeira (prometedora) aparição do miúdo de 17 anos. Antes, os adeptos despediram-se do capitão Seba Coates.

TEXTO **ANDRÉ CRUZ MARTINS**

O Sporting venceu o Athletic Bilbao por 3-0 e com uma boa exibição, em jogo a contar para o Troféu Cinco Violinos que levou 35 mil adeptos a Alvalade, e ficou marcado, antes do pontapé de saída, pela emotiva despedida dos adeptos leoninos a Seba Coates, o mais emblemático capitão dos leões pós-Manuel Fernandes. De resto, todos os jogadores do Sporting alinharam com o nome de Coates nas camisolas.

O onze apresentado por Rúben Amorim foi o seguinte: Kovacevic; Eduardo Quaresma, Debast e Gonçalo Inácio; Geovany Quenda, Hjulmand, Morita e Geny Catamo; Trincão, Gyokeres e Pedro Gonçalves. Quenda foi a grande novidade, no lugar do lesionado Nuno Santos, embora tenha jogado como ala direito, com Geny a derivar para a esquerda.

O Sporting fez uma primeira parte em bom nível e chegou ao golo logo aos 10', por Pedro Gonçalves, assistido por Gyokeres. E com o miúdo Quenda completamente "saído da casca", através de rápidas incursões pela direita, onde foi muito mais extremo do que ala, com as suas costas a serem guardadas por Eduardo Quaresma. Na sua primeira aparição na equipa principal aos olhos do grande público, o jovem de 17 anos mostrou por que razão é apontado como a *the next big thing* da Academia e esteve pertíssimo do golo em duas ocasiões.

Os leões exibiam-se no mesmo registo da gloriosa época transata, através do seu futebol de pé para pé, já com Hjulmand a assumir-se como o pêndulo do meio-campo, Pedro Gonçalves a espalhar classe e Gyökeres… a ser Gyökeres, sem parar um segundo e aparentemente em boa forma física. Destaque ainda para Debast, que nos 68' em que esteve em campo, mostrou bom posicionamento, excelente técnica (embora dê ideia que por vezes exagera no excesso de confiança com que sai a jogar).

GERARDO SANTOS / GLOBAL IMAGENS

**Na noite de despedida de Coates, o Sporting venceu o Athletic Bilbao e mostrou uma nova *estrela: Geovany Quenda.***

No recomeço, Fresneda surgiu no lugar de Geny Catamo e o Athletic Bilbao apareceu bem melhor, com quatro aproximações relativamente perigosas nos primeiros dez minutos, todas aproveitando perdas de bola dos visitados no seu próprio meio-campo. Gyökeres, ainda sem capacidade para jogar muitos minutos, foi rendido aos 59' por Rodrigo Ribeiro.

Depois de um início de segundo tempo pouco conseguido, os leões assentaram o seu jogo, embora sem atingir o brilho pré-intervalo, até porque Quenda esteve muito mais discreto. Aos 68' foram lançados em campo Franco Israel, João Muniz, Matheus Reis, Daniel Bragança e Marcos Edwards. Até ao final, registo para os belos desenhos do segundo e terceiro golos. O primeiro, de Edwards, após assistência de Matheus Reis, mas com o grande mérito da jogada a ser de Daniel Bragança; o segundo, apontado por Trincão, de novo com assistência de Matheus Reis, mas com Mateus Fernandes (que bem entrou na partida!) e Rodrigo Ribeiro a terem importância decisiva.

> Coates foi alvo de uma emocionantes despedida em Alvalade. Todos os jogadores do Sporting alinharam com o nome do antigo capitão nas camisolas.

NUNO VEIGA/LUSA

## Chumil vence na Torre e Afonso Eulálio passa a liderar a classificação geral

O guatemalteco Sergio Chumil (Burgos-BH) venceu ontem, no Alto da Torre, na serra da Estrela, a terceira etapa da Volta a Portugal, numa tirada em que Afonso Eulálio (ABTF-Feirense) assumiu a liderança da geral. Eulálio, que estava a 1.25 minutos do anterior líder, Colin Stüssi (Vorarlberg), conquistou 11 segundos de avanço ao suíço, que desceu ao terceiro lugar na geral, depois de ontem não ter ido além do oitavo lugar na etapa, a 1.35' de Chumil.

JAVIER SORIANO / AFP

## Endrick cumpre sonho de criança com apresentação no Real Madrid

O brasileiro Endrick, de 18 anos, foi ontem oficialmente apresentado como reforço do Real Madrid para os próximos seis anos, numa cerimónia no Santiago Bernabéu perante cerca de 40 mil adeptos. "É uma loucura. Não tenho palavras para descrever o que estou a sentir. Eu sempre quis estar aqui. Hoje o sonho tornou-se realidade", disse, emocionado, ao ex-jogador do Palmeiras.

# O mundo todo entre Sines e Porto Covo

**HARMONIA** Terminou esta madrugada mais uma edição do Festival Músicas do Mundo. Foi uma semana com muito convívio a céu aberto, com gente de todas as idades e origens, que transformou as duas cidades da costa alentejana em verdadeiras Torres de Babel.

TEXTO **NUNO TIBIRIÇÁ**

Mágico é o melhor adjetivo possível para descrever o que se passa entre Sines e Porto Covo durante a semana do Festival de Músicas do Mundo (FMM), que terminou esta madrugada. Em muitos momentos a música é um mero detalhe perante o ambiente que é construído nas duas cidades da costa alentejana durante os dias em que recebem o festival. O encontro de culturas presente na programação do FMM, que na edição deste ano teve artistas de 27 países, transcende para além dos palcos, num convívio democrático sem distinções de faixa etária, nacionalidade ou classes sociais.

A celebrar este ano o 25.º aniversário da sua primeira edição, o FMM deu mais uma mostra do porquê de ser um dos festivais favoritos do público português e de estrangeiros que vêm ao país para marcar presença no evento. Em Porto Covo, a *line-up* deste ano esteve abaixo de outras edições, como em 2023, quando Chico César e Silvana Estrada entusiasmaram o público. Nem por isso, no entanto, as pessoas que têm o festival quase como uma religião deixaram de considerar esta edição tão especial quanto qualquer outra.

No alto da falésia de uma das praias de Porto Covo forma-se um campismo selvagem, no qual, embora não haja propriamente regras, o companheirismo e o senso de comunidade regem a ordem de bem-estar social. Se o *camping* gás de determinado grupo termina, um estranho de outro grupo oferece o fogão da carrinha em que viaja em troca de uma cerveja ou apenas de um pedaço da salsicha, que agora perfuma a casa que leva pelas estradas. No mesmo campismo, uma jovem passa com o lixo para separar vidro, plástico e papel, enquanto um guitarrista em *performance* baixa o som do amplificador a partir de certa hora.

MÁRIO PIRES / FMM

**Multidão marcou presença em Sines na madrugada de sábado (27), último dia desta edição do FMM.**

O *camping* improvisado é o centro do repouso entre os diversos nichos que se formam naquela normalmente pacata localidade. No centro, onde a vila, como qualquer outra, não importa o tamanho, conta com a tradicional praça com igreja, o ambiente é mais familiar. Idosos espreitam os concertos sentados em cadeiras de praia atrás dos festivaleiros, crianças brincam e comem algodão doce no lado esquerdo do palco e a multidão no meio dança e interage com os artistas.

No caminho até o Mercado Municipal de Porto Covo, quem comanda a rua, ou as *calles*, são artesãos da América Latina e Espanha, que se multiplicam na semana seguinte entre a igreja e o Castelo de Sines. Num bar de brasileiros, o *afterparty* é ao som de *psy trance*, enquanto nos *decks* de madeira com vista para o mar os batuques do público *hippie*, nicho imprescindível e fiel ao FMM, não tem hora para acabar.

> O FMM é muito mais do que o que acontece nos palcos. É um convívio democrático sem distinções de faixa etária, nacionalidade ou classes sociais.

Na manhã ou hora que acordar, hidratação em primeiro lugar e muita fruta. Estar em Porto Covo faz toda a gente querer "roer uma laranja na falésia", como já cantava Rui Veloso. Louco aquele que não ouve a famosa música no carro, quando já a poucos quilómetros da cidade que se torna capital do amor do Alentejo nos dias do FMM.

Se há alguma contestação a fazer na parte de Porto Covo, é a da comida, com bancas limitadas e preço inflacionado. Muito diferente de Sines, que, além da segunda parte do FMM, recebe também o festival gastronómico Tasquinhas, que se torna um paraíso para os campistas que chegam. Milho frito e pregos e bifanas em bolo do caco feito ali mesmo são algumas das principais especialidades na banca da Madeira. Isso sem esquecer as sandes de choco frito no Partido Comunista Português, histórico e com muita força no município e que tem logo a primeira banca na entrada do festival.

A transição de Porto Covo para Sines, de uma vila pacata para uma cidade operária, dá uma cara diferente ao festival, sem perder, no entanto, a essência que o evento proporciona desde o primeiro dia. Se em Porto Covo a maré dançante por cima da falésia já era quase parte das ondas do mar iluminadas pelo brilho da lua cheia que presenteava naquelas noites, em Sines não foi diferente. Os concertos da madrugada realizados no Palco Galp, ao pé da praia, foram os que trouxeram mais público ao festival.

"É um mar", disse o argelino Sofiane Saidi ao espreitar a multidão antes de se apresentar quase na manhã deste sábado.

A névoa que invade a madrugada na vila tomada por *hippies* parece tão distópica quanto o que parece ser uma vila de *Matrix* nas refinarias vistas do miradouro perto do castelo: são só mais alguns dos elementos que cativam o público e se tornam tópico de conversas nos diferentes grupos, admirados com o festival. Parece que cada detalhe contribui para a tal magia do FMM.

No último dia desta edição, um festivaleiro abordado por um colega repórter sobre a expectativa para o próximo ano deu uma resposta sincera e que representa o sentimento daquelas pessoas que se conectam com o evento: "Peço que esse lugar nunca mude." A ver vamos, tendo em vista que a ideia é transformar a região – que, além das refinarias, conta com fábricas de lítio – num polo tecnológico e numa espécie de Vale do Silício português. Que não atinja o FMM.

nuno.tibirica@dn.pt

PROVA DE VIDA*

# CELESTE CAEIRO

VÍTOR HIGGS/DN

Falemos então de Celeste. Ou, melhor dizendo, de Celeste Martins Caeiro, mulher de 91 anos, porquanto nasceu em Lisboa, na freguesia do Socorro, aos 2 de Maio de 1933, o ano da Constituição Política do regime do Estado Novo.

Celeste, vida agreste: com raízes na Amareleja, concelho de Moura, que alguns diziam ser, garante ela, a "aldeia mais vermelha do país", Celeste mal conheceu o seu pai, que a abandonou – e à mãe, de ascendência galega, e aos irmãos mais velhos – era ela ainda criança, muito criança. Sua mãe chamava-se Teodora de Viana Martins Caeiro e, pese ter nascido em Espanha, veio em muito menina morar para a Amareleja, e a seguir para Lisboa, onde teve três filhos, todos confiados a instituições de caridade.

Com apenas 18 meses, Celeste foi internada na Creche do Alto do Pina, na Rua Barão de Sabrosa, dirigida pela Santa Casa, de que hoje tanto se fala. A mãe, de quando em vez, ia visitá-la. Aos 14 anos, transferiram-na para o Asilo 28 de Maio, também conhecido por "Lazareto", na outra banda do Tejo, outrora dedicado à quarentena dos tripulantes dos navios num espaço imenso que, após o 25 de Abril, seria ocupado por famílias africanas das ex-colónias e, anos volvidos, berço de *rappers* famosos (cf. a excepcional reportagem sobre Porto Brandão e o Asilo 28 de Maio, de Ana da Cunha *et all.*, na *Mensagem de Lisboa*, de Agosto de 2023).

No Asilo 28 de Maio, que chegou a albergar mais de 400 raparigas desvalidas na década de 1940, o tempo em que ela por lá andou, Celeste revoltou-se com a aspereza e o rigor das freiras, as quais, não muito depois, a despacharam de regresso a Lisboa, para o Colégio de Santa Clara, da Casa Pia, no largo onde às terças e sábados se faz a Feira da Ladra. Saiu de lá com 20 anos, com estudos de pré-enfermagem que lhe davam equivalência ao 2.º ano do liceu, como nos conta Ana Sofia Fonseca num livro cativante, originalíssimo, *Capitãs de Abril. A revolução dos cravos vivida pelas mulheres dos militares* (A Esfera dos Livros, 2014). Porém, como tinha problemas pulmonares, nunca pôde seguir aquela profissão (cf. Alexandra Tavares-Teles, "Onde eu estava há 50 anos, por… Celeste Caeiro", *Diário de Notícias*, de 23/4/2024).

Entretanto, no decurso de umas férias no Alentejo, por bandas da adolescência, apercebeu-se de que na casa dos tios se faziam reuniões clandestinas, e ficou noites inteiras a matutar naquilo. "Não podes contar nada, Celeste", disseram-lhe os envolvidos, e ela manteve o segredo. Em Lisboa, ainda jovem, teria a sua iniciação política, posto que módica e incipiente: a tabacaria do Café Patinhas, na Rua da Prata, onde trabalhava, era local de paragem de gente de esquerda, que lhe comprava os livros malditos de José Vilhena. "Ai Celeste, qualquer dia isto vai dar barulho", dizia-lhe o patrão temeroso, mas ela, confiante, respondia "Deus é grande, não vai nada", e continuava escondendo as obras proibidas entre os pacotes de tabaco e outros artigos da loja.

Nas tardes de folga, ia assistir aos julgamentos na Boa Hora, um passatempo casto e triste, hoje caído em desuso. Já então se indignava com a opressão: "a gente punha-se na fila e eles empurravam-nos." Recorda outro episódio, passado com uma amiga, mãe de uma menina pequena. Um dia, quando andavam mãe e filha pelo Camões ao pé de uma sapataria, a miúda perguntou à mãe se os sapatos eram caros. Atrás vinha um agente da PIDE, à paisana, que, à conta daquela inocente pergunta, ameaçou mãe e filha de serem levadas presas (cf. jornal *i*, de 25/4/2019).

Celeste, que começara a trabalhar numa fábrica de camisas na Avenida Almirante Reis, mais tarde empregou-se na tabacaria do Patinhas, atrás citada, onde conheceu um homem, cliente habitual do café, que lhe pareceu trabalhador e honesto, até porque, diz, numa frase arrepiante, "uma mulher não podia querer mais." Amigaram-se, foram viver juntos para os lados de Santa Apolónia, no Bairro América, assim chamado em homenagem à entrada dos Estados Unidos na Grande Guerra, e cujos nomes das ruas evocam figuras ligadas ao Novo Mundo (Franklin, Washington, Wilson, Bolívar, Ruy Barbosa, etc.). Por não ser casada, foi alvo de muitas críticas: "diziam-me que eu não era séria, que aquilo era uma pouca-vergonha. Não casávamos, éramos apontados.". Acabou tendo uma filha daquele homem, que bebia e lhe batia muito. Aguentou até dar, para que a criança não nascesse e fosse registada como filha de "pai incógnito." Depois, mal pôde, separou-se dele, "por razões que nunca quis contar", diz a neta, um inferno que Celeste assim descreve: "Passei muito… mas quando a médica disse que a menina estava nervosa por causa do que via, acabou-se." Acabou-se, saiu de casa, tinha a filha três anos.

A decisão obrigou-a a andar de poiso em poiso: "as donas das casas não gostavam de hóspedes com crianças por causa do choro. Era cá uma vida… Tive de andar a saltar de quarto." Um dia, em aperto, viu um emprego nas páginas de classificados do *Diário de Notícias*, o mesmo que agora ledes. Começou a trabalhar no bengaleiro da *boîte* Marygold, na Rua do Sol ao Rato, que à época diziam ser poiso de homossexuais e de consumo de drogas, alvo de constantes queixas e rusgas da polícia. Por causa de tudo isso, por ser mãe solteira e ter um emprego malvisto, o senhorio despejou-a da casa onde vivia. Uma pessoa amiga disse-lhe para falar com o escritor Luís de Sttau Monteiro, e este arranjou-lhe um advogado que conseguiu adiar por uns tempos a ordem de despejo. Entretanto, mudou de emprego, foi trabalhar para um restaurante que ia abrir na Rua Brancaamp, num edifício esquisito, de ares ultramodernaços, logo apelidado de "Franjinhas", por causa da série animada francesa "Carrossel Mágico", estreada na RTP em 1966.

Contado à exaustão, vezes sem conta, o resto é conhecido, e história da nossa História: no dia 25 de Abril de 1974, Celeste foi trabalhar, como sempre, no restaurante Sir, o primeiro *self-service* de Lisboa, que inaugurara, precisamente há um ano, no "Franjinhas" e que era gerido por umas "tias" da família Franco Falcão, proprietária da moradia onde foi erguido o "mamarracho" de Teotónio Pereira e Braula Reis e que ainda hoje é dona desse edifício (cf. Renata Lima Lobo, "O edifício Franjinhas vai ficar de cara lavada", *Time Out* de 21/3/2020). Para assinalar o aniversário do Sir, os patrões queriam engalanar as mesas com flores e oferecer um cálice de Porto aos clientes, gente que trabalhava nos escritórios da zona, entre a Castilho, a Brancaamp e o Salitre. Por isso, mandaram o gerente, o senhor Ramos, comprar flores à praça da Ribeira, de onde regressou o Ramos carregado de muitos ramos de cravos todos vermelhos. "Comprou cravos, podia ter comprado outras

flores quaisquer", contaria Celeste à imprensa, anos volvidos, por certo não se apercebendo da importância do acaso na História, feita de episódios como este. "Porquê cravos? Nunca lhe cheguei a perguntar, talvez por serem mais baratos."

Na época, Celeste tinha 40 anos e morava com a mãe e a filha para as bandas do Chiado, no nº. 14 da Rua do Sacramento. No emprego, ia ouvindo a rádio, era fiel seguidora do "Simplesmente Maria", mas, acrescenta, "não tinha telefonia em casa, não tinha nada. Vivia muito bem…", graceja. À conta disso, não se deu conta do que acontecera em Lisboa, as ruas pejadas de tanques. Às nove da manhã em ponto, chegou ao restaurante, onde já tinha o patrão e os colegas à porta, com cara de caso. Ainda se recorda hoje das palavras do dono, o engenheiro Matos Chaves: "Meus senhores, a casa não vai abrir porque se está a dar uma revolução – ou um golpe de Estado, isso já não recordo bem –. Os senhores vão para casa e depois nós avisamos se der para o bem ou para o mal."

Desde o primeiro momento que acreditou que iria dar para o bem, mas, conhecendo-lhe o feitio, os colegas tentaram moderar-lhe os ímpetos: "Celeste, ouviste o que o patrão disse, vai para casa para o pé da tua filha e da tua mãe e não te metas em barulhos."

Depois, foram ao armazém buscar os cravos, para que não murchassem, e Celeste meteu-se no metropolitano, saiu no Rossio, que estava deserto. Só então viu os tanques, a soldadesca na rua. Ficou parada a olhá-los, à esquina da Rua do Carmo, diante da Tabacaria Caravela. Perguntou-lhes onde iam, um deles disse-lhe que estavam ali desde as três da manhã e pediu-lhe um cigarrinho. "Por acaso a senhora não tem um cigarrinho, perguntou-me um. Nunca fumei, não tinha, se calhar é por isso que ainda cá ando", conta Celeste, 91 anos de vida. "Olhei para todos os lados para ver se havia alguma coisa aberta para lhes arranjar alguma coisa para comer, mas não havia nada." A seguir, o instante decisivo: "tirei um cravo e dei-lhe. Aceitou, podia não ter aceitado. Pôs no cano da espingarda e achei bonito. Depois tirei outro e dei a outro soldado, que também pôs no cano."

Com metro e meio de altura, Celeste não se põe em bicos de pés: "As pessoas julgam que fui eu que pus os cravos nas espingardas, mas não, estava muito alto." De resto, nem eram muitas as flores que ofereceu, uma meia-dúzia, no máximo, ainda assim o suficiente para fazer dela a *influencer* do dia, responsável pelo lançamento de uma moda que ainda hoje perdura – e que à época fez manchetes nos jornais do mundo inteiro. Diz-se que Carlos Gil captou o instante decisivo, mas, do que conhecemos da obra desse insigne fotógrafo, não se vislumbram rastos de Celeste (cf. *Carlos Gil. Um fotógrafo na revolução*, Caminho, 2004).

Quando chegou a casa, e contou à mãe o que fizera, foi maternalmente censurada – "Esta rapariga é maluca! Então puseste-te à frente da tropa? Podias ter levado um tiro!" –, mas respondeu com a mesma confiança revolucionária que mostrara perante os colegas de trabalho, dizendo que tudo iria correr bem. À tarde, depois de almoço, desceu à rua sozinha, cirandou entre os populares, viu os tanques e os magalas, estava o Chiado todo alevantado, Lisboa coberta de cravos. Ainda viu ao de longe Sttau Monteiro, de máquina em punho, a fotografar tudo aquilo. Acenou-lhe, recordada do apoio que o autor da *Guidinha* lhe dera por causa do despejo da casa.

No dia seguinte, quando voltou ao trabalho, já a rádio perguntava de onde nascera a ideia dos cravos, quem fora o génio daquela revolução florida. Acabou contactada pela mídia, sempre cusca, e a primeira entrevista que deu, hoje uma peça da História, foi à revista *Crónica Feminina*. Todos os anos, por alturas do 25 de Abril, passou a ser dispensada do trabalho, para poder dar entrevistas. Reagia, porém, com desarmante humildade, dizendo: "sou uma pessoa como as outras, não sou mais importante. Aconteceu."

Escrevendo no jornal *República*, em 7 de Maio de 1974, numa crónica intitulada "Cravo de Maio, Flor da Liberdade", António José Saraiva afirmava que "o cravo vermelho da Liberdade não tem autor conhecido, não foi proposto ou programado por qualquer organização. É anónimo e natural como tudo o que é vivo. É por ele, e por tudo o que ele diz sem palavras, que o nosso Primeiro de Maio, improvisado e sem experiência, foi o mais belo do mundo inteiro" (in *Filhos de Saturno. Escritos sobre o tempo que passa*, Bertrand, 1980, pp. 31-32).

Ao dizer que os cravos não tinham "autor conhecido", António José Saraiva demonstrava não ler a *Crónica Feminina*, a qual, como atrás se disse, deu a notícia em primeira mão da "mulher dos cravos". Celeste, sempre humilde, não dissera nada a ninguém, só às colegas, mas a boa nova, sabe-se lá como, terá chegado ao ouvido sempre alerta do Dr. Artur Varatojo, o célebre "Inspector Varatojo" (que, à conta desse epíteto, seria obrigado, no pós-25 de Abril, a publicar anúncios esclarecendo nunca ter pertencido à PIDE), e este referiu-a na *Crónica Feminina*.

**Começou a trabalhar no bengaleiro da boîte Marygold, na Rua do Sol ao Rato, que à época diziam ser poiso de homossexuais e de consumo de drogas, alvo de constantes queixas e rusgas da polícia. Por causa de tudo isso, por ser mãe solteira e ter um emprego malvisto, o senhorio despejou-a da casa onde vivia."**

Eis um episódio ignorado da revolução, que aqui trazemos à luz. No n.º 914, de 30 de Maio de 1974, a *Crónica* publicava a habitual coluna de Artur Varatojo, "Varatojo conta-lhe…", que dessa feita tinha o título "O Primeiro Cravo", e dizia assim, em êxtase de poesia e sonho:

"O cravo transformou-se em poucos dias na flor simbólica dum país.

Alguém escreveu que Deus criou duas coisas maravilhosas: a mulher e a rosa, mas este cravo esquecido sobre passou, sem dúvida, a beleza da rosa para renascer, por direito próprio, com um perfume muito seu, de liberdade, de ternura, de confiança, de altivez, emergindo do cano duma arma, transformado pelo destino.

O povo adoptou-o, os cartazes elegeram-no como panegírico. Os homens votaram-no unanimemente como símbolo duma alegria renascida.

Mas nós queremos mais. Nós gostávamos de saber quem foi a primeira mão que soube colocá-lo ternamente no cano duma espingarda. E atrevemo-nos a imaginar que só pode ter sido uma mulher – e mãe…

Alguém que encontrou nele a força para entupir uma arma criada para a guerra, que ficou subitamente emudecida e envergonhada do seu poder bélico para receber no seio frio do metal negro uma haste verde de esperança, numa paz imorredoura.

Alguém que acreditou na natureza das flores para modificar a natureza dos homens.

Uma mulher – se duma mulher se trata – esse alguém tem direito a uma estátua imortal que simbolize, na frieza do mármore, todo o calor humano do seu gesto, na brandura da pedra toda a candura da paz.

E será uma estátua que ninguém jamais poderá destruir. Ninguém que acredite em Deus ou, simplesmente, na beleza, na alegria, na liberdade e no triunfo da dignidade humana.

O mundo atónito, que não acreditava em nós, rendeu-se perante a evidência dum Portugal diferente que usa como munições cravos em vez de balas.

É preciso que o turista que nos visite num Abril renascido encontre craveiros em todas as janelas do país, e possa apreciar nesta Lisboa admirada uma estátua criada pelo nosso melhor artista e modelada pelos mais hábeis canteiros, duma mulher do povo a colocar um cravo no cano da arma dum soldado desse mesmo povo.

Essa mulher – e eu insisto que só pode ter sido uma mulher portuguesa – tem direito à homenagem permanente de todos aqueles que puderam abrir as suas janelas floridas sem escutarem o ruído da metralha, ou os gritos angustiados dos feridos, sem ouvirem o som da guerra, sem se aperceberem do pó dos edifícios ruindo no estremecimento da derrocada.

Todos os anos, no Dia da Mãe, teremos obrigação de ir depor-lhe aos pés, com o mesmo carinho, o mesmo respeito, a mesma gratidão, um grande ramo de cravos vermelhos.

Ela tem de saber como floriu no peito de cada um de nós… o seu primeiro cravo."

Quer dizer, e como se vê, em rigor Varatojo não descobriu Celeste, mas pressentiu-lhe o perfume. Na altura, de resto, já outros exploravam o filão do cravo, intuindo a sua potência poética. Noutro número da *Crónica Feminina*, de 6/6/1974, José Cid dava uma entrevista em que recordava os versos da sua música "Camarada", de 1972 ("Nasce uma flor no cano de uma espingarda"; cf. Jorge Mangorrinha, "Onde é que eu já ouvi isto, camarada?", *Diário de Notícias*, de 7/4/2024). Restava agora saber a identidade daquela a que, noutro texto e contexto, A. J. Cronin chamou "a Dama dos Cravos." Começava o *cherchez la femme*, rapidamente concluído, parece, devido a um oportuno contacto das colegas de Celeste com a redacção da *Crónica*.

Logo depois, a revista, pela mão de Ruth Quaresma, entrevistaria Celeste Caeiro, de permeio com fotonovelas importadas de Espanha, com publicidade à loja de modas Poli e à Terapia Térmica Acelerada (TAT), desenvolvida na Suíça e trazida para Portugal (e graças à qual a "Sr.ª D. Teresa de Sousa Diniz", uma baleia, tinha conseguido emagrecer 9 kg em oito dias), com uma receita de sopa de salsichas e com o horóscopo da princesa Ana de Inglaterra, com o noticiário da programação da RTP, marcado pela transmissão das 24 Horas de Le Mans e pela estreia de "O Sinal do Dragão" ("é uma nova série em que um monge budista, para começar, restitui a fé e a vista a um homem cegado pelos índios") e com uma reportagem sobre o fim do trabalho aos sábados, coberta por depoimentos de uma estudante, a Zé ("o sábado livre é uma boa ideia, porque assim temos mais tempo para fazermos aquilo que gostamos. A greve dos estudantes levou o Ministério a equiparar-nos aos trabalhadores em geral e foi uma medida popular"), e de um marceneiro, Carlos Alberto Ribeiro ("o sábado para descansar é uma grande coisa. Até para podermos conviver com a família. A minha mulher trabalha no comércio, trabalha sábado de manhã. Ficamos com o sábado estragado. Se assim não fosse, podíamos sair para qualquer lado, lá fico à espera que a minha mulher tenha o sábado todo… Quando é

**continua na página seguinte »**

» **continuação da página anterior**

Verão, gosto de aproveitar para fazer campismo, para fugir à cidade, a este ambiente pesado, nada saudável").

Nessa primeira de muitas aparições mediáticas, Celeste, apresentada como "uma funcionária zelosa e simples dum conceituado estabelecimento da Capital", contou a história dos cravos, do aniversário do restaurante, do encontro com a soldadesca: "Eu segui-os. Eu queria estar com eles. Perguntei-lhes de onde eram, para onde iam… e disse-lhes emocionada 'Vocês são uns grandes HOMENS.' Quis dar-lhes qualquer coisa. Mas o quê, se não tinha nada? Só os cravos vermelhos que trazia abraçados junto com a emoção. Esqueci-me da minha filha e, quase a chorar de alegria, distribuí-os pelos soldados que, rindo, logo os colocaram um a um nos canos das suas espingardas. Fiquei muito feliz. Muito feliz."

A seguir, explicou porquê: "Sabe, há muito tempo que desejava que isto desse uma volta. Revoltava-me coisas que aconteciam e habituei-me a não ter medo. Um tio do meu cunhado também esteve preso em Caxias. Um ano! E não havia razão para ser preso. O Dr. Salgado Zenha foi o advogado dele. Mais tarde foi absolvido. A partir desta altura em que me apercebi de certas coisas, comecei a interessar-me mais pelos movimentos políticos. Muitas mulheres tinham medo, mas eu não. Até ia assistir ao julgamento dos presos políticos, sempre que podia. Na sala de julgamentos estavam sempre muitos 'pides' que nos tratavam mal e, por vezes. Não nos deixavam entrar. Quando se deu esta volta nem sei o que senti…" (cf. *Crónica Feminina*, n.º 916, de 13/6/1974).

***

Os cravos, parece, terão vindo de Tavira, do Posto Agrário, e eram mandados para Lisboa às segundas, quartas e sextas. Os botões que estivessem completamente floridos eram cortados pelo pé, colocados em cestas de cana e enviados no camião que vinha desde Vila Real de Santo António e que depois seguia para o Mercado da Ribeira, em Lisboa, contou há pouco Guilhermina Martins Madeira, outra heroína do caso – e do acaso. Nascida em 1946, aluna da escola de regentes agrícola de Santarém, Guilhermina começou a estagiar no Posto Agrário de Tavira em 1967, sob orientação de José Francisco Pereira de Assunção, e aí permaneceu até 1974 (cf. Ignacio García Pereda, *O Posto Agrário de Tavira (1926-1974). Um novo desenvolvimento no contexto agrícola regional e nacional*, policop., 2022, p. 123). Ao contrário da história de Celeste Caeiro, mil vezes relatada, a de Guilhermina Madeira só há pouco viu a luz, graças à notável reportagem de Mara Gonçalves, "Cravos de Tavira, o último 'segredo de Abril'", no *Público*, de 20/4/2024.

A revolução foi numa quinta-feira e, na semana seguinte, logo na segunda-feira, Guilhermina foi chamada às pressas gabinete do engenheiro José Pereira da Assunção. De Lisboa, o senhor Laranjeira, o despachante alfandegário que importava os alporques dos craveiros de Cap d'Antibes, no sul de França, e que era também distribuidor de frutos e de flores no Mercado da Ribeira, ligara com grande urgência, pedindo o máximo de cravos. Dissera que "ele é que fornecia os cravos que foram vendidos no 25 de Abril no Rossio" e pedia que lhe mandassem tudo o que havia nas estufas, pois as floristas de Lisboa tinham "muita encomenda" nas vésperas do 1 de Maio, quarta-feira. Guilhermina sugeriu que adiassem o envio dos cravos para terça-feira, para terem uma colheita de dois dias. Em conformidade, "apanharam tudo e mais alguma coisa" e Guilhermina "ainda se viu grega com o pessoal de Tavira", a quem recusou vender cravos.

"Foram cravos como podiam ter sido tulipas ou gladíolos. Podia ter sido coisa diferente. Foi aquela." Uma vez mais, o acaso, numa história tão fértil deles. Vindos de Tavira, os cravos podiam não ter sido cravos, antes tulipas ou gladíolos, o senhor Ramos podia não os ter comprado na Ribeira, Celeste podia não os ter levado para casa, e depois não ter oferecido um ao soldado, e este podia não o ter colocado na espingarda. Mas sobretudo, acima de tudo, o que surpreende e desvanece é o gesto, o gesto simples e tão encantadoramente belo, tão grande e tão pequeno, tão grande porque tão pequeno, dos camaradas daquele soldado, ao colocarem também eles os cravos nas suas espingardas, com isso mostrando às forças do regime e ao povo nas ruas que só em última instância iriam fazer

**Depois de reformada, Celeste aderiu ao PCP e continua a seguir a política (nas últimas legislativas, contudo, foi-se deitar mais cedo, com o argumento "não quero assistir mais a esta miséria")."**

fogo porque aquela era uma revolução que se queria pacífica, sem mortos nem feridos. Mais ainda, colocar os cravos nas espingardas foi um acto espontâneo dos soldados, não resultou de uma ordem dos superiores. Se foram os capitães que comandaram as operações, foram os soldados que as ornaram de flores, num gesto de baixo para cima que sinalizou, nesse preciso instante, a passagem de um golpe a uma revolução.

É também possível e legítimo afirmar que, sem as flores nas espingardas, sem esse sinal de paz, o risco de violência teria sido muito maior, talvez mesmo incontrolável, tendo em conta o sucedido com os mortos na Rua António Maria Cardoso e com as acções de 'caça aos pides' nas imediações do Chiado. Será ousado e especulativo, sem dúvida, mas não é de todo infundado dizer-se que, muito provavelmente, os cravos salvaram vidas.

***

Do seu observatório do Chiado, Celeste Caeiro assistiria ainda a outro grande acontecimento lisboeta, o incêndio que, em 25 de Agosto de 1988, devorou o coração da cidade. Perdeu tudo na tragédia, foi viver para outro lado, um prédio estreito, de escadas íngremes, na freguesia de Santo António ("há mais de um ano está impedida de entrar porque o senhorio mudou a fechadura do prédio por querer aumentar as rendas", contou a neta à Lusa: cf. *Contacto*, de 26/4/2024). Com graves problemas de visão, de audição e de locomoção, Celeste continua a residir perto da Avenida, "numa casa a cair aos bocados", ainda que outras versões assegurem que vive hoje em casa da filha e da neta, em Alcobaça, "com uma reforma que não lhe permite comprar um aparelho auditivo de que precisa, ou uma cadeira de rodas." Carolina lançou há pouco uma subscrição pública para comprar um aparelho auditivo para a avó e, segundo me informou o meu amigão Pedro Goulão, mestre nessas coisas do Twitter, conseguiu arrecadar a bela quantia de 3.027 euros e, com isso, devolver a escuta à "Celeste dos Cravos." Ao agradecer aos beneméritos, entre emojis e corações róseos, Carolina terminou dizendo, num grito grato: "O povo unido jamais será vencido!" É um facto.

Depois de reformada, Celeste aderiu ao PCP e continua a seguir a política (nas últimas legislativas, contudo, foi-se deitar mais cedo, com o argumento "não quero assistir mais a esta miséria"). Em 1999, a poetisa campomaiorense Rosa Guerreiro Dias celebrou-a em verso, assim:

*És somente portuguesa*
*Uma mulher em tantas mil*
*Mas irás ser com certeza*
*Mulher dos cravos de Abril*

Aos 91 anos, e apesar de doente, "Celeste dos Cravos" participou há pouco no desfile dos 50 anos da revolução, como sempre. Em 2022, por ocasião dos 48 anos do 25 de Abril, a filha e a neta contactaram antecipadamente o Exército, que a homenageou, sendo algo exagerada a afirmação da neta, Carolina Caeiro Fontela, segundo a qual a avó nunca foi devidamente louvada (ainda há pouco, foi evocada num programa da SIC, de 25/4/2024, com João Baião). Recentemente, teve lugar de destaque nas comemorações, ao lado dos militares, pela Avenida abaixo. Antes do desfile, a neta, agoirava "não sei se a saúde dela vai permitir e, para isso, era preciso arranjar uma cadeira de rodas, que ainda ninguém nos arranjou, porque nestes anos todos ninguém fez nada pela minha avó", mas o facto é que lá arranjaram uma cadeira de rodas e tudo correu pelo melhor. Nesse ensejo, porém, Celeste preferiu dar a palavra à neta, que não se cansa de repor a verdade histórica, esclarecendo que, ao contrário do que muitos ainda pensam, os cravos não foram uma oferta de uma florista da Baixa, mas de sua avó. Esta, de seu lado, também já teve oportunidade de dizer que também havia cravos não-rubros, ou melhor, cravos brancos. Poucos, mas havia.

Outra verdade histórica, que a história de Celeste infirma: ao contrário do que muitos pensaram, e porventura ainda pensam, os cravos não vieram de uma conservatória do registo, onde iriam engalanar um casamento adiado pela revolução; como é um mito urbano afirmar que vieram do aeroporto da Portela, onde estavam prestes a ser enviados para o estrangeiro (cf. *Avante!*, n.º 1.378, de 27/4/2000).

***

Por alturas dos 25 anos de Abril, conta a neta, Celeste foi convertida em estrela, entrevistada por tudo quanto era jornal, revista, TV. Em resultado disso, e como andava numa roda-viva, "ficou com um cansaço extremo", "logo a seguir teve um AVC", mas, no dia 26 de Abril, já ninguém queria saber dela.

Queixa-se a neta, mais arisca, de que a avó não foi louvada como devia, lamentando "nunca nenhum organismo lhe ter dado o reconhecimento que ela merece, por nunca ninguém ter querido saber o que ela passou na vida." Enquanto isso, Rui Tavares propunha, no parlamento, que lhe fosse erguida uma estátua em São Bento e, já antes, a vereação do PCP na edilidade lisboeta alvitrou também um monumento e a condecoração com a Medalha de Mérito da Cidade de Lisboa. "Quando já não estiver cá, fica o símbolo", diz-nos Celeste com ponta de orgulho. Mas fica mais do que o símbolo, fica a memória, a dela e a nossa. E também a lembrança, essa menos risonha e festiva, de que, ao fim de uma vida de canseiras e trabalhos, recebeu uma pensão de 370 euros/mês. Nunca foi possível apurar a identidade do soldado que primeiro colocou o cravo na espingarda.

**Prova de vida (56) faz parte de uma série de perfis*

---

*Historiador. Escreve de acordo com a antiga ortografia.*

Entre as imagens
João Lopes

# Contar histórias ou a arte do impossível

São memórias de 1994: foi há 30 anos que Nuno Artur Silva escreveu e António Jorge Gonçalves desenhou as aventuras de Filipe Seems, "um detetive muito particular". Entenda-se: não apenas um detetive particular, mas um detetive "muito particular" — o "muito" que o distingue fá-lo pertencer a uma tradição de aventura que se vai reinventando através dos enigmas que a personagem enfrenta, protagoniza ou, ironicamente, multiplica.

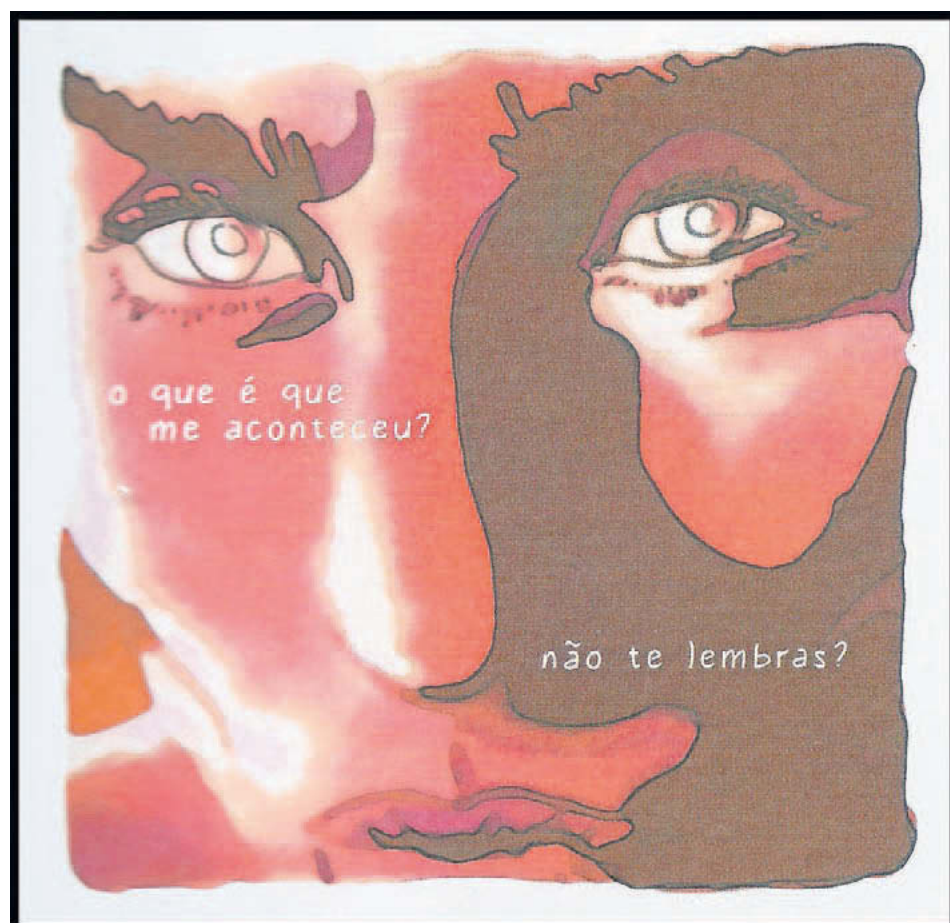
Agora reeditados, com chancela da Asa, os livros da *Trilogia Filipe Seems* continuam a ser um fascinante acontecimento, não apenas da banda desenhada portuguesa, mas das ficções que por cá se fazem. Afinal de contas, estes três álbuns surgiram numa sociedade narrativamente bem diferente: primeiro, porque a miséria (narrativa, precisamente) do Big Brother e seus derivados ainda não tinha contaminado o imaginário social, a ponto de "naturalizar" o vazio de pensamento da Reality TV como padrão compulsivo de comunicação; depois, porque o triunfo das "análises" televisivas como modelo quotidiano de perceção conseguiu a proeza jornalisticamente desastrosa de confundir o acontecimento, seja ele qual for, com a enunciação de um saber teleológico (à beira do teológico) em que já não há factos, mas apenas destinos.

Seria simplista reduzir as atribulações vividas por Filipe Seems ao conjunto de referências que os autores mobilizam. Em todo o caso, vale a pena citar algumas delas, quanto mais não seja porque refletem a consciência de que, pelo menos até certo ponto, contar histórias é também um reinvestimento criativo nas heranças que nos legaram.

O primeiro volume, intitulado *Ana*, assume-se como herdeiro da literatura e do cinema "noir", de Raymond Chandler a Jacques Tourneur: nele encontramos o detetive que tenta decifrar um mistério que lhe é apresentado por uma personagem feminina, cedo se descobrindo enredado na sedução que essa personagem transporta. O segundo, *A História do Tesouro Perdido*, projeta-nos em territórios mais ou menos exóticos da aventura, também eles ligados a um património multifacetado de livros e filmes de que, na década de 80, Indiana Jones terá sido uma espécie de resumo mitológico. Enfim, *A Tribo dos Sonhos Cruzados* sugere uma revisão dos álbuns anteriores, aceitando o mundo dos fantasmas como um dado incontornável da dimensão humana — como num filme de David Cronenberg, a imagem do corpo desafia a sua pertença a qualquer universo realista.

A descrição da trilogia como um exercício de envolvente nostalgia fará sentido, sobretudo tendo em conta as variações, no primeiro volume, em torno de alguns cenários emblemáticos da cidade de Lisboa. Ainda assim, creio que tal "revivalismo", hoje em dia muito poderoso no espaço televisivo, é escasso para dar conta da conjugação de dois elementos essenciais: a vocação onírica dos desenhos de António Jorge Gonçalves e a vertigem descritiva da prosa de Nuno Artur Silva.

Podemos dizer que cada álbum amplia as sugestões anti-naturalistas experimentadas pelo álbum anterior. Aliás, logo no primeiro, a investigação da personagem de Ana (das várias "Anas"…) vai-se enredando numa demanda que, em última instância, nos leva a formular a pergunta que pontua toda a trilogia. A saber: que significa isso de olhar para o mundo à nossa volta e transformá-lo em histórias que podemos partilhar com os outros?

Quando chegamos a *A Tribo dos Sonhos Cruzados*, a transfiguração é esfuziante. A BD resiste a qualquer normalização narrativa, incluindo uma certa noção de "kitsch" que se alimenta do gratuito do seu próprio aparato: o texto assume a fragmentação poética de um sonho sem sonhador identificado, ao mesmo tempo que o desenho abandona a certeza geométrica dos quadradinhos clássicos para se espraiar num território em que a fronteira entre realidade e sonho se esbateu — literalmente.

**Um grande plano da "Trilogia Filipe Seems" (volume 3).**

**Verdadeiro fenómeno da BD portuguesa, a *Trilogia Filipe Seems* celebra o prazer e a ousadia das narrativas".**

Descobrir ou revisitar a *Trilogia Filipe Seems* não é, por isso, uma banal celebração nostálgica. Movido pelo vírus da curiosidade, Filipe Seems é uma personagem que, por vezes contra si próprio, não se aquieta nas possibilidades que a vida comum lhe oferece – as suas histórias convidam-nos a visitar o impossível e a sua infinita melancolia.

*Jornalista*

O DN DE HÁ CEM ANOS

# AS NOTÍCIAS DE 28 DE JULHO DE 1924 PARA LER HOJE

ARQUIVO DN **CRISTINA CAVACO**, **LUÍS MATIAS** E **SARA GUERRA**

EM BRAGA

## O 3.º CONGRESSO DAS FEDERAÇÕES DOS SINDICATOS AGRICOLAS

### A sessão inaugural foi presidida pelo ministro da Agricultura — Inaugurou-se uma grande exposição agricola

*(Do nosso enviado especial)*

BRAGA, 26.—No rapido da tarde chegou o sr. ministro da Agricultura, acompanhado pelos srs. Mario de Azevedo Gomes, Antonio Sergio e Joaquim Ribeiro e por outros congressistas do Sul. Era esperado na estação pela comissão executiva do congresso, autoridades civis, militares e eclesiasticas, que lhes fizeram grandes manifestações.

A' hora marcada realizou-se a sessão inaugural no Salão Recreativo Bracarense, repleto de gente de todas as classes sociais, ocupando os camarotes muitas senhoras. Estavam representados todos os sindicatos agricolas do país. Presidiu o sr. ministro da Agricultura, secretariado pelos srs. Joaquim Ribeiro e Mario de Azevedo Gomes, ex-ministros da mesma pasta, tendo tomado lugar á mesa S. E. o Arcebispo Primaz. O sr. ministro agradeceu o convite para a presidencia da sessão e não regateou elogios á iniciativa do congresso, cujos trabalhos visam a dar ao país a possibilidade de resolver o problema da alimentação publica, maxima preocupação de uma indispensavel politica de ressurgimento nacional.

Regosijou-se em seguida o sr. conde de Azevedo por vêr ali reunidos tantos elementos da vitalidade nacional, desde o governo aos lavradores, saudando o ministro presente, a quem afirmou toda a sua consideração e enorme esperança na sua obra patriotica, saudando tambem o sr. arcebispo pelos seus serviços prestados ao congresso e pondo em relevo o facto daquele ilustre prelado ter criado no Seminario uma cadeira de agricultura sociologica, demonstrando assim quanto lhe são caros os estudos sociais. O orador referiu ainda os trabalhos dos antigos prelados, que constituiram a primeira iniciativa dos actuais, recordando o lavrador minhoto, cujos esforços encarece. Ele, que é hoje um soldado da paz lutando pela vitoria economica da sua terra, foi ontem o heroi da celebre «Brigada do Minho», que tanto soube honrar nos campos da Flandres o bom nome da sua provincia.

Saudou ainda as Associações Agricolas, a Federação dos Sindicatos do Centro, o sr. Tiago Sales, da Associação da Agricultura, a imprensa agricola, e em especial Bento Carqueja que tanto tem trabalhado a favor das Escolas Moveis Maria Cristina, etc,

O sr. Joaquim Ribeiro saudou tambem o Congresso, agradeceu as referencias que lhe fizeram e como soldado saudou no Minho a mais linda provincia de Portugal, folgando em vêr ali reunidas tantas pessoas de tão diversos credos politicos, apenas interessadas nas prosperidades da Patria (muitos aplausos). Recordou os nomes do dr. Tiago Sales, do Conde de Azevedo e disse-os dignos de registo nas melhores paginas da nossa Historia Agricola. Gostaria que mais algumas personalidades politicas em destaque aqui tivessem vindo para aprenderem nos congressos o que ele já aprendeu e teve ensejo de pôr em pratica com unanime aplauso de todo o país, sendo seu desejo que dos congressos saia a solução dos grandes problemas nacionais.

O sr. Nuno Gusmão fez a historia da Associação Central de Agricultura, que representa, provou como ela deu uma nova caracteristica á lavoura nacional e preconizou a necessidade da criação de uma estação agraria central, já posta em relevo no congresso de Viseu, pedindo ao ministro a sua execução.

De manhã inaugurou-se a grande exposição agricola, importantissimo «certame» em que figuram em profusão admiraveis e variadissimos produtos de todas as regiões do norte, frutas, azeites, vinhos, legumes, mel, linho, etc.- destacando-se os mostruarios de Braga, Barcelos e Vieira. O recinto está lindamente ornamentado com alfaias agricolas, oferecendo um maravilhoso aspecto e tendo sido visitado por milhares de pessoas. A banda dos alunos do Colegio de S. Caetano tocou durante a exposição, que é uma interessante afirmação do valor economico da nossa lavoura.

## FESTA MILITAR

*Uma fase dos exercicios de gimnastica educativa, ontem realizados no Castelo de S. Jorge*

# O grande tenor Gayarre

## Como se passa de modesto oficial de ferreiro de uma viloria navarra a portentoso artista de fama mundial

## A VIDA DO SUBLIME INTERPRETE DA "FAVORITA"

Se ainda fôsse vivo, teria completado agora oitenta anos o celebre tenor espanhol Julián Gayarre, morto prematuramente, vai para trinta e cinco anos. O nome de Gayarre não é dos que se esvaem nas brumas do passado: correm os anos e os lustros e a sua figura, em vez de diminuir e esfumar-se, agiganta-se e adquire linhas mais precisas. E' um nome que já pertence á Historia, como os de Tamberlik, Tamagno, Patti, Caruso e, sobretudo, o de aquela formosissima mulher e divinal cantora, também espanhola, que foi a Malibrán, tão prodigamente favorecida pelos dons da natureza, como abandonada da deusa Fortuna, morta em plena primavera da vida, aos 28 anos, no meio das maiores amarguras!

Gayarre na «Favorita». No medalhão, o retrato do famoso tenor.

Nasceu Gayarre em julho do ano 44 da passada centuria em humilde tugurio na vila navarra de El Roncal e foram seus pais uns pobres mas honrados labregos. E chegou a ser uma figura universal, com direito á posteridade, sem que a gloria e a grandeza o envaidecessem!

Vivem ainda muitos dos que foram seus admiradores e alguns que se honraram com a sua amisade. Estes são os que mais fervoroso culto rendem á memoria do inolvidavel Fernando da «Favorita».

E' justo reconhecer que não têm sido prodigas as homenagens prestadas ao cantor, pelos seus compatriotas, depois da sua morte: ha um busto seu no Teatro Real e uma rua, em bairro extremo, com o nome de Julián Gayarre. E nada mais, que eu saiba. Talvez algum teatro de provincia lhe esteja dedicado...

Os amigos de Gayarre, temendo, sem duvida, não alcançar a data do centenario de aquele portentoso artista, quiseram perpetuar a sua recordação, mandando colocar uma lapide na casa onde ele morreu, cerca do Teatro Real; a proprietaria da casa opôs-se, porém, a esta «profanação», e não houve argumentos nem influencias que a convencessem! E a lapide foi colocada onde no fim de contas devia ser, na pobre casita de El Roncal, visto que é o nascimento e não a morte que se trata de comemorar agora. E fique a outra lapide para de aqui a alguns anos, quando se celebre o centenario do falecimento do artista, se para então houver quem queira honrar uma autentica gloria nacional.

*
* *

Julián era em Pamplona um modesto oficial de ferreiro, e muito longe estava do seu espirito a ideia de que viria a ser uma figura «mundial»—como se diz agora—quando um dia cantarolava uma copla vulgar, ao mesmo tempo que malhava o ferro candente na sua bigorna. Passava por ali casualmente um homem que era sacerdote, prosista, poeta, compositor, grande artista, autor de belissimas musicas religiosas e profanas: era ele, nem mais nem menos que Hilarión Eslava.

Parou embevecido o eminente maestro ao ouvir trautear o moço operario e pensou:—Aqui ha um brilhante em bruto, mas finissimo, que merece o labor de um lapidario. E, com efeito, Julián, em poucos dias, encontrava-se em Madrid, entregue aos lapidarios. O maestro Gaztambide foi dos que ajudaram Eslava a transformar o operario aldeão no artista celebre, querido e afagado pelas pessoas de mais relevo na escala social.

Gayarre adquiriu noções de literatura, estudou italiano e francês, foi matriculado no Conservatorio e, finalmente, aprendeu a cantar. Quem foi o seu mestre de canto? Em nenhum dos artigos, biograficos ou criticos, dedicados ao grande cantor encontrei este dado tão interessante; mas pelo ilustre maestro Alvira, professor de tantos cantores famosos, averiguei que foi o celebre tenor espanhol Manuel Carrión o professor que transmitiu a Julián aquela depuradissima escola de canto que de modo tão extraordinario realçava a sua voz de ouro. Carrión era aquele artista que rivalisava com o grande Tamberlik.

E' quasi ocioso dizer que Julián Gayarre, com os seus dotes naturais verdadeiramente peregrinos, com o seu talento brilhantissimo e com a influencia valiosa dos seus protectores e apologistas, não encontrou o seu caminho atapetado de flôres... A ladeira que teve que subir para alcançar a ambicionada cúspide foi aspera e semeada de abrolhos.

Gayarre cantou em companhias de provincias, formou parte dos coros em companhias de infima categoria e até conheceu privações! Não foi profeta na sua terra. Mas, isto é a historia de sempre. Hipolito Lázaro e Miguel Fleta, que são hoje sumidades, não chegaram ao Real de Madrid sem o beneplacito estrangeiro; e ha mais: um dos três baixos celebres actualmente em todo o mundo é o espanhol José Mardones. Pois este intentou cantar em Espanha e não o conseguiu senão nas igrejas. Tomavam-no por um louco e não o admitiram nem nos coros!... Hoje é milionario e não sai do Metropolitan, de Nova York. Mas continuemos com as aventuras de Julián.

*
* *

A' força de tenacidade e graças a poderosas influencias, conseguiu o grande tenor tornar-se notado em Espanha, sobretudo desde que cantou no Real «A Favorita». Mas nem o seu exito o consagrou ainda como notabilidade, nem a sua fama passou as fronteiras. Foi nesta altura que o cantor decidiu partir para Milão, havendo dobrado, já, o cabo dos trinta anos. Que intento o conduzia á capital lombarda? Vamos vê-lo.

Ia inaugurar-se no Scala a temporada de 1875-76. A lista da companhia estava completa e só faltava um primeiro tenor, o que constituia um embaraço para os empresarios, que eram então os irmãos Curti: nenhum dos tenores disponiveis estava á altura da Catedral da Opera.

Estavam os empresarios no seu escritorio discorrendo precisamente acêrca desta dificuldade, com o maestro Facio e com o editor Ricordi, quando se apresentou Gayarre em atitude muito decidida.

—Que deseja?—preguntou-lhe um dos Curti.

—Sou Julian Gayarre. Sei que procuram um tenor e venho oferecer-me.

—O senhor? Mas em que teatros cantou?

—Em muitos—respondeu Julian, enumerando varios.

—Está bem; mas aqui ninguem o conhece e para cantar neste teatro é necessario ser celebre.

—Pois por isso venho; porque não o sou e quero sê-lo.

—E no caso de que nos conviesse, em que opera desejaria estrear-se?

—Na «Favorita».

—Na «Favorita»!—repetiram todos com assombro. Então não sabe—acrescentou Curti—que o ultimo que a cantou aqui foi o Tiberini e que ainda está para nascer quem o iguale nessa opera?

—Pois, ou canto a «Favorita» ou me retiro.

Chegou o dia da prova e o teatro encheu-se de mirones amigos da empresa, atraidos pela curiosidade daquele espanhol audacioso. E quando o tenor atacou aquelas notas a que imprimia tanta doçura e emitiu um dó natural suavissimo e sem o menor esforço e desceu ao ré grave com a maior facilidade, todos ficaram assombrados. O maestro Facio não pôde deixar de exclamar:—Nunca ouvi cantar ninguem como canta este homem.

A estreia teve honras de acontecimento solene. Muitos espectadores iam com animo de arrazar o tenor; mas de tal modo cantou a opera de Donizetti que as ovações não cessaram em toda a noite.

Desde então Gayarre foi celebre em todo o mundo... inclusivé em Espanha. Os seus compatriotas fizeram dele um idolo. E não tornou a aparecer outro Gayarre!...

*
* *

O inverno de 1890-91 deixou tristissimas recordações no espirito dos madrilenos: foi o ano daquela gripe terrivel que causou mais vitimas que algumas epidemias do colera. Familias inteiras pagaram o seu tributo á enfermidade mortifera. Uma desolação! Quasi todos os teatros estavam fechados, não só por falta de artistas, como pela ausencia do publico... Ninguem tinha humor para divertir-se no meio daquela atmosfera de dôr e de espanto!

Contudo, o Teatro Real continuava funcionando. Gayarre era quem dava animação aos espectaculos.

Naquela noite de dezembro cantava-se «Os pescadores de perolas». Durante a tarde o celebre tenor sentira-se indisposto: uns calafrios, uma dôr de cabeça, um quebramento em todo o corpo indicavam o inicio da gripe...

Gayarre, para não prejudicar a empresa, foi cantar, com sacrificio; mas mandou afixar um aviso pedindo indulgencia ao publico. No terceiro acto falhou uma nota aguda: o artista tinha febre alta. Ele, compreendendo o seu estado, exclamou, dirigindo-se aos companheiros:—«Esto se acabó!»

Conduzido a sua casa, com mais de 40 graus de temperatura, foram chamados os melhores medicos e todos se mostraram pessimistas. Não se enganaram: ao cabo de três ou quatro dias deixava de existir o incomparavel tenor que fizera do «Spirto gentil» todo um poema.

A' hora da sua morte velava á cabeceira, com a familia e os intimos, o eminente clinico doutor Cortezo. O enfermo, volvendo para o medico os seus olhos já sem brilho, exclamou com voz debil: «—Yo suelo llorar algunas veces... Si ahora pudiera... eso me aliviaria...»

Todos choravam amargamente... Essas foram as ultimas palavras de Julian Gayarre!

*
* *

A triste noticia espalhou-se em Madrid com pasmosa velocidade e causou em todos os animos uma consternação profundissima. O enterro do cantor constituiu uma verdadeira manifestação de luto nacional. Quando o cortejo passou em frente do Teatro de Apolo, onde estavam todos os artistas da companhia e uma orquestra entoou o «Spirto gentil», não houve quem pudesse conter as lagrimas!

O maestro D. José Maria Alvira, amigo intimo de Gayarre, compôs em homenagem á memoria do amigo uma «Romanza sem palavras», que é uma maravilha de inspiração e de sentimento.

Madrid, Julho de 1924.

**JOSÉ MARIA SANTOS.**

# Morreu a fadista Mísia, uma inovadora do fado

**ÓBITUÁRIO** "Partiu em paz, docemente, sem dores, rodeada dos amigos", anunciou o escritor e amigo Richard Zimler. Tinha 69 anos.

A fadista Mísia, que foi considerada uma inovadora do fado, morreu ontem, aos 69 anos, num hospital em Lisboa, disse à Lusa o escritor Richard Zimler, que era seu amigo. "Partiu em paz, docemente, sem dores, rodeada dos amigos", acrescentou sobre a criadora de *Mistérios do Fado*.

Susana Maria Alfonso de Aguiar, o verdadeiro nome de Mísia, nasceu no Porto e protagonizou uma carreira de cerca de 34 anos, durante a qual atuou nos mais variados palcos do mundo. Editou o seu primeiro álbum, homónimo, em 1991, e gravou também registos como *Garras dos Sentidos* (1998), *Canto* (2003) e *Ruas* (2009).

Recebeu diferentes prémios ao longo da carreira, entre eles o galardão francês da Academia Charles Cros pelo seu álbum *Garra dos Sentidos*, no qual gravou poemas de Natália Correia, Mário Cláudio, Lídia Jorge, José Saramago, Lobo Antunes, Fernando Pessoa, Mário de Sá Carneiro e António Botto. Em 2004 foi condecorada com a Ordem das Artes e das Letras de França e no ano seguinte foi distinguida com a Ordem de Mérito da República Portuguesa.

A ministra da Cultura, Dalila Rodrigues, considerou que Mísia "foi uma voz fundamental na renovação do fado", numa nota de pesar pela morte da fadista. "Com uma vasta carreira, Mísia foi uma voz fundamental na renovação do fado, sem receio de experimentar novas sonoridades e abordagens menos convencionais" afirmou, referindo que "granjeou o reconhecimento dos seus pares".

Em 2022, editou o álbum *Animal Sentimental*, parte de um projeto tríptico sobre 30 anos de carreira, que inclui um livro, com o mesmo título e saído no verão desse ano, e estreou um novo espetáculo. Tiago Torres da Silva, Fernando Pessoa, Mário Cláudio, Natália Correia, Vasco Graça Moura e Lídia Jorge foram os autores escolhidos por Mísia para *Animal Sentimental*.

No livro, autobiográfico, a fadista conta episódios inéditos da sua carreira, recuando às memórias de infância e da adolescência, aos tempos do colégio interno, gerido por freiras, no Porto, a avó catalã e a mãe, bailarina de flamenco, uma biografia que, como disse à Lusa, a partir de 1991 começou a ser fixado nos discos".

No livro, a cantora narrou a sua luta contra o cancro, que lhe foi diagnosticado três vezes. **DN/LUSA**

**O concerto de encerramento da digressão do álbum *Ruas*, em 2010.**

GONÇALO VILLAVERDE / GLOBAL IMAGENS

## BREVES

### Governo exonera diretora da Administração Escolar

A diretora-geral da Administração Escolar (DGAE), Susana Castanheira Lopes, que dirigia a entidade responsável pelos concursos de colocação de professores, foi exonerada, anunciou ontem o Ministério da Educação. Em comunicado, é referido que a decisão do ministro da Educação, Ciência e Inovação, Fernando Alexandre, de exonerar Susana Castanheira Lopes assentou na "falta de prestação de informações ou na prestação deficiente das mesmas quando consideradas essenciais para o cumprimento da política global do governo". "O despacho de exoneração de Susana Castanheira Lopes produz efeitos a dia 26 de julho [sexta-feira]", acrescentou. De acordo com o comunicado, foi também exonerado, a seu pedido, o vogal do Conselho Diretivo do Instituto de Gestão Financeira da Educação (IGeFE) Carlos Oliveira, que era responsável pela gestão do Portal das Matrículas. O ministério avançou que a partir de amanhã o cargo de diretora-geral da Administração Escolar será ocupado por Maria Luísa Oliveira em regime de substituição.

### DGS toma medidas devido a circulação de parvovírus

A Direção-Geral da Saúde (DGS) assegurou ontem que já tomou medidas e está desde junho a acompanhar o aumento da circulação de parvovírus B19, que pode provocar a morte aos fetos até às 20 semanas de gestação. "Apesar de o risco para a população ser baixo, à data de hoje, face ao contexto epidemiológico internacional e nacional, foram implementadas medidas de aumento de vigilância epidemiológica e sensibilização dos profissionais de saúde", informou a DGS em comunicado. A autoridade nacional de saúde recordou que emitiu na passada quarta-feira uma informação aos profissionais de saúde de cariz técnico, dirigida principalmente a quem presta cuidados de saúde a crianças e a grávidas. "Esta informação insta os profissionais de saúde a manterem-se vigilantes em relação à infeção pelo parvovírus B19 e a incluírem no momento de avaliação dos utentes incluídos nos grupos-alvo um momento de aconselhamento e informação, particularmente aqueles que apresentem risco de complicações", salientou.

**Conselho de Administração** - Marco Galinha (Presidente), Kevin King Lun Ho, António Mendes Ferreira, Victor Santos Menezes, Vitor Coutinho, Diogo Queiroz de Andrade, Rui Costa Rodrigues, José Pedro Soeiro **Direção interina** Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Data Protection Officer** António Santos **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 9 309 016,95 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão,195-219 – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Carla Ascenção **Direção Comercial** Pedro Veiga Fernandes **Detentores de 5% ou mais do capital da empresa:** Páginas Civilizadas, Lda. – 41,51%, KNJ Global Holdings Limited – 29,35%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro – 20,40%, Grandes Notícias, Lda. – 8,74% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena – 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) – Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E.mail: apoiocliente@dn.pt